

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf **FAUSTO CALADO DE CARVALHO**

**O pensamento de Clausewitz e sua aplicabilidade nos
principais conflitos irregulares assimétricos do pós
Segunda Guerra Mundial**



Rio de Janeiro
2019

Maj Inf FAUSTO CALADO DE CARVALHO

O pensamento de Clausewitz e sua aplicabilidade nos principais conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Orientador: Ten Cel Cav SANDRO SILVA RUIZ

Rio de Janeiro
2019

C331p Carvalho, Fausto Calado de

O Pensamento de Clausewitz e sua aplicabilidade nos principais conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial. / Fausto Calado de Carvalho. —2019.
62 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Sandro Silva Ruiz

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) —Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

Bibliografia: f. 60-62.

1. CLAUSEWITZ-PENSAMENTO. 2. CONFLITOS IRREGULARES ASSIMÉTRICOS. 3. SEGUNDA GUERRA MUNDIAL-PÓS. I. Título.

CDD 355.02

Maj Inf FAUSTO CALADO DE CARVALHO

O pensamento de Clausewitz e sua aplicabilidade nos principais conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em ____ de _____ de 2019.

COMISSÃO AVALIADORA

Sandro Silva **Ruiz** - Ten Cel Cav
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Fábio Gladzik – Ten Cel Inf
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Hélio Ferreira Lima - Maj Inf
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

AGRADECIMENTOS

A Deus, todo poderoso, criador do céu e da terra, de tudo e de todos.

Ao Tenente Coronel Ruiz, pelas orientações precisas e detalhadas, assim como pela forma ímpar e paciente como conduziu este trabalho. Sua didática de ensino foi determinante para a pesquisa e gerou, em todas as fases do trabalho, motivação e comprometimento para a realização desta obra.

Aos Coronéis Breviliere e Visacro, reconheço o esforço em estudar o trabalho meticulosamente para compartilhar opiniões maduras, mesmo sobrecarregando suas atribuições funcionais. Tudo isso com o nobre propósito de contribuir com a utilidade do trabalho.

À minha família, agradeço a paciência e compreensão pelo meu afastamento durante todo o transcorrer desta pesquisa.

RESUMO

O período pós Segunda Guerra Mundial encerrou a hegemonia mundial das potências europeias, gerando um complexo processo de independência de suas ex-colônias. Ainda, foi espectador do surgimento e apogeu da Guerra Fria, que foi palco de uma disputa ideológica, política, econômica e científica entre os Estados Unidos da América e a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no cenário global até o início da década de 1990. Tais fatos contribuíram para o aumento exponencial dos conflitos irregulares assimétricos que se consagram até os dias atuais. Anteriormente, no início do século XIX, um militar prussiano que participou de várias guerras regulares e simétricas por seu país, com destaque para as guerras napoleônicas, resolveu pensar sobre o assunto e escrever um livro, "Da Guerra". Esse militar foi o General Carl Von Clausewitz, um dos mais renomados filósofos da guerra, autor de relevantes conceitos e pensamentos sobre os conflitos bélicos. O presente trabalho objetivou estudar a aplicabilidade do pensamento de Clausewitz nos principais conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial. O estudo se justifica pela possibilidade de aplicar tais conceitos nos conflitos irregulares assimétricos do período já citado. Assim, a pesquisa buscou ressaltar a importância das suas teorias como uma ferramenta para apoiar as soluções dos conflitos bélicos.

Palavras-chave: Pensamento de Clausewitz, Conflitos Irregulares Assimétricos, Pós Segunda Guerra Mundial.

RESUMEN

El período posterior a la Segunda Guerra Mundial terminó la hegemonía mundial de las potencias europeas, generando un complejo proceso de independencia de sus antiguas colonias. Aún, fue espectador del surgimiento de la Guerra Fría, que fue el escenario de un conflicto ideológico, político, económico y científico entre los Estados Unidos de América y la antigua Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas en el contexto global hasta finales del año 1990. Estos hechos han contribuido para el aumento exponencial de los conflictos irregulares asimétricos que ocurren en la actualidad. Antiguamente, en principio del siglo XIX, un militar prusiano que participó de varias guerras simétricas regulares por su país, con destaque para las guerras napoleónicas, decidió pensar en eso y escribir un libro, "La Guerra". Este militar fue el General Carl Von Clausewitz, uno de los filósofos de guerra más renombrados, autor de conceptos y pensamientos relevantes sobre conflictos bélicos. El presente trabajo tuvo como objetivo estudiar la aplicabilidad del pensamiento de Clausewitz en los principales conflictos asimétricos irregulares posterior a la Segunda Guerra Mundial. El estudio se justifica por la posibilidad de aplicar esos conceptos en los conflictos asimétricos irregulares del período ya mencionado. Así, la investigación buscó enfatizar la importancia del estudio de sus teorías como una herramienta para apoyar las soluciones de los conflictos de guerra.

Palabras clave: Pensamiento de Clausewitz, Conflictos Irregulares Asimétricos, Posterior a la Segunda Guerra Mundial.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Guerra da Argélia.....	30
Figura 2 – Guerra do Vietnã.....	35
Figura 3 – Guerra do Afeganistão.....	42
Figura 4 – Conflito da Colômbia.....	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	PROBLEMA.....	11
1.2	OBJETIVOS.....	11
1.2.1	Objetivo Geral.....	11
1.2.2	Objetivos Específicos.....	11
1.3	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	12
1.4	RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	12
2	METODOLOGIA	14
2.1	TIPO DE PESQUISA.....	14
2.2	UNIVERSO E AMOSTRA.....	14
2.3	COLETA DE DADOS.....	14
2.4	TRATAMENTO DOS DADOS.....	15
2.5	LIMITAÇÕES DO MÉTODO.....	15
3	OS PRINCIPAIS PENSAMENTOS E A TRINDADE DE CLAUSEWITZ	16
4	OS PRINCIPAIS CONFLITOS IRREGULARES ASSIMÉTRICOS DO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	23
4.1	GUERRAS E CONFLITOS IRREGULARES ASSIMÉTRICOS DO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	23
4.2	A GUERRA DA ARGÉLIA.....	28
4.3	A GUERRA DO VIETNÃ.....	34
4.4	A GUERRA DO AFEGANISTÃO.....	39
4.5	O CONFLITO DA COLÔMBIA.....	45
5	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Após o fim da Segunda Guerra Mundial¹, em 1945, a Europa perdeu sua tradicional hegemonia no mundo, dando início ao processo de desmoronamento de suas colônias, e por conseguinte, dando oportunidade para o despertar de novos Estados independentes.

Com o advento da Guerra Fria², ambas as superpotências, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), viram-se privadas do emprego de uma estratégia direta, apoiada em conflitos regulares de maior envergadura, em virtude do equilíbrio de seus arsenais atômicos. Tais fatos permitiram um terreno fértil para o protagonismo dos conflitos irregulares assimétricos que se consagram até os dias atuais.

No início da década de 1990, com o fim da Guerra Fria, confirmou-se a superioridade militar, econômica e ideológica do EUA e de seus aliados ocidentais. No entanto, novas ameaças surgiram na Somália, em Ruanda, nos Bálcãs e em antigas repúblicas soviéticas. Estudiosos e profissionais militares passaram a buscar explicações para o fato de que mesmo as mais poderosas forças militares do planeta não eram capazes de derrotar milícias consideradas irrelevantes e dotadas de armamento rudimentar. (SCHUURMAN, 2010).

Segundo o filósofo Francis Fukuyama, após o fim da Guerra Fria, as pessoas acreditavam que os tempos de guerra tradicional como se conhecia haviam acabado. Outras pessoas achavam que a humanidade tinha chegado ao fim. (FUKUYAMA, 1992).

De acordo com o Coronel Visacro, do Exército Brasileiro, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ocorreram mais de oitenta guerras de natureza assimétrica. Ademais, noventa e seis por cento dos conflitos transcorridos durante a década de 1990 foram assimétricos. Somente no biênio 1999-2000, especialistas registraram cerca de cinquenta incidentes possíveis de serem qualificados como ações de guerra não convencional. (VISACRO, 2009).

Segundo o doutor em história Francisco Proença Garcia, as guerras

¹ Foi o maior conflito da história, ocorrido de 1939 a 1945, entre as principais potências do mundo, que estavam divididas nas alianças do Eixo e dos Aliados (entendimento do autor).

² Conflito ideológico entre o capitalismo liderado pelos Estados Unidos da América (EUA) e o socialismo, pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), iniciado após a 2ª Guerra Mundial até o fim da URSS, em 1991 (entendimento do autor).

contemporâneas, após 1945, tornaram-se cada vez menos entre Estados e passaram a contemplar outros atores, não estatais, com objetivos que não se subordinam a uma lógica política tradicional, sem regras e sem demandas claramente definidas. Assim, os Estados podem entrar em guerra contra uma rede terrorista, uma milícia, um movimento emancipacionista, um exército rebelde ou ainda contra o crime organizado. As guerras irregulares podem ser travadas também entre dois ou mais grupos armados organizados, não envolvendo nenhum Estado³.

Dando embasamento filosófico à complexidade dos conflitos e das guerras, a quase dois séculos atrás, o General Carl Philipp Gottlieb von Clausewitz (1780-1831) foi considerado um dos principais teóricos do período de formação do pensamento militar moderno.

Para a Doutora em Ciências Políticas Carla Cristina Wrbieta Ferezin, os pensamentos de Clausewitz proporcionaram as primeiras reflexões da guerra como um instrumento da política de Estado. Vale destacar que Clausewitz, o “filósofo da Guerra”, fundamentou suas ideias no estudo da história militar em função de sua experiência pessoal durante as Guerras Napoleônicas⁴. O célebre oficial prussiano tornou-se um dos pensadores estratégicos clássicos mais estudados nas instituições militares ocidentais desde o século XIX, mantendo-se como leitura essencial nos séculos posteriores. Em 1819, Clausewitz começou a redigir “Da Guerra”, sua mais importante obra, responsável por seu legado intelectual. (FEREZIN, 2013).

Segundo Paula (2015), o ex-Secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, ator de destaque no planejamento da Guerra do Golfo, em 1990, e no estabelecimento da Guerra ao Terror⁵, após o 11 de setembro de 2001, procurou no livro de Clausewitz os prováveis motivos para a derrota americana na Guerra do Vietnã e descreve o livro como “um raio de luz vindo do passado e que ainda ilumina as perplexidades militares do presente”.

Após essa percepção da incerteza que domina o “DNA⁶” dos conflitos

³ Extraído da versão resumida da lição de encerramento apresentada pelo Dr. Proença Garcia nas provas de agregação em Relações Internacionais no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.

⁴ As Guerras Napoleônicas são as indicações dos conflitos armados que ocorreram entre 1799 a 1815, com quase a totalidade das nações da Europa contra Napoleão Bonaparte, herdeiro da Revolução Francesa (entendimento do autor).

⁵ Campanha militar dos EUA contra o terrorismo global após o ataque de 11 de setembro de 2001 (entendimento do autor).

⁶ Sentido figurado da natureza presente no núcleo do entendimento que carrega toda a “informação genética” do conflito (entendimento do autor).

irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial e da relevância dos pensamentos elaborados por Clausewitz, este trabalho pretende identificar os principais conceitos e teorias de Clausewitz e como eles são aplicados e identificados nesses conflitos supramencionados.

1.1 PROBLEMA

Em virtude do cenário acima descrito, constata-se a enorme incidência de conflitos irregulares assimétricos ao redor do planeta, sobretudo, dentro do horizonte temporal delimitado. Juntamente, percebe-se a presença de pensamentos de um autor consagrado, Clausewitz, que elaborou importantes conceitos e abordagens sobre a guerra.

Sendo assim, o presente trabalho de conclusão teve como objeto o seguinte problema: Em que medida os pensamentos de Clausewitz podem ser aplicados nos conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 **Objetivo geral**

Ao buscar resposta para o problema apresentado, tem-se o seguinte objetivo geral, conforme descrito a seguir:

- Estudar como a Trindade de Clausewitz se aplica nos conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial.

1.2.2 **Objetivos específicos**

A fim de viabilizar a consecução do objetivo geral deste trabalho, foram formulados alguns objetivos específicos a serem atingidos que permitirão o encadeamento lógico de raciocínio descritivo apresentado neste estudo, os quais são elencados em seguida:

- a) apresentar os principais conceitos de Clausewitz sobre a guerra;
- b) apresentar os principais conflitos irregulares assimétricos do Pós Segunda Guerra Mundial; e

c) confirmar as aplicações dos conceitos de Clausewitz nos conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa está limitada ao estudo dos principais pensamentos de Clausewitz e, principalmente, na sua da Trindade, expressa em sua obra, “Da Guerra”, e ao estudo de quatro conflitos irregulares assimétricos que eclodiram após o término da Segunda Guerra Mundial, sendo dois, a Guerra da Argélia e a Guerra do Vietnã, que findaram no período anterior ao término da Guerra Fria (1991) e outros dois conflitos, a Guerra do Afeganistão e o Conflito da Colômbia, que finalizaram no período posterior.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Para Paula (2015), desde a Segunda Guerra Mundial, as Forças Armadas do ocidente têm sido melhor sucedidas quando enfrentam oponentes cujas armas, métodos de organização e modo de pensar são bem semelhantes aos seus. Ou seja, quando travam conflitos caracterizados pela simetria entre as partes beligerantes.

Ainda para Paula (2015), seguindo o pensamento do Coronel Summers, do Exército Americano, as guerras não podem estar atreladas apenas ao campo militar, elas devem ser pautadas na trindade clausewitziana, que a seu ver, são resumidas em três subsídios: Governo, Forças Armadas e Povo. Estes são os principais elementos que têm a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso na condução de qualquer guerra moderna.

Colin Gray, pensador estratégico e professor de Relações Internacionais, ressalta que, mesmo dentro de um contexto de enorme complexidade, no futuro haverá guerras de caráter regular e irregular, como sempre ocorreu. Ele argumenta também que embora o curso dos eventos tenha se modificado, a natureza da guerra é a mesma. (GRAY, 1999).

Portanto, a relevância do tema ora proposto decorre de como se aplicam os conceitos de Clausewitz nos conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial, ressaltando a importância do estudo das suas teorias

como uma ferramenta útil para a busca de soluções, às vezes não ortodoxas, para conflitos atuais e futuros.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

Neste trabalho, foi realizado um estudo baseado em uma pesquisa qualitativa, contemplando a subjetividade do entendimento de fatores que vão identificar a aplicabilidade do pensamento de Clausewitz nos principais conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial. Trata-se de uma pesquisa explicativa, pois visa esclarecer fatores que se subordinam a determinados axiomas e preceitos doutrinários. Tudo isso de acordo com a metodologia de Vergara (2009), com o devido embasamento bibliográfico.

2.2 UNIVERSO E AMOSTRA

Dentro dos incontáveis conflitos protagonizados por atores armados não estatais que eclodiram após o final da Segunda Guerra Mundial, o presente estudo avaliou a aplicabilidade das ideias de Clausewitz nos quatro conflitos anteriormente mencionados.

As amostras utilizadas no trabalho foram quatro conflitos irregulares assimétricos, indiscutivelmente conhecidos historicamente, que envolveram atores Estatais e não-Estatais, sendo eles dois conflitos finalizados antes do término da Guerra Fria e outros dois encerrados após o término da Guerra Fria. Além disso, foram selecionados conflitos de áreas geográficas distintas para ter uma melhor heterogeneidade, sem semelhanças regionais, esperando que os resultados sejam mais fidedignos em todos os fatores.

A divisão temporal do fim da Guerra Fria não influenciou a pesquisa. O autor teve a intenção de dividir o trabalho para obter um equilíbrio dentro de um marco temporal consagrado.

2.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica da literatura (livros, manuais, revistas especializadas, jornais, artigos, internet, teses e

dissertações), além de pesquisas junto à biblioteca virtual da ECEME e da plataforma Pergamum.

2.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Devido à natureza do problema, o método de tratamento de dados utilizado no presente estudo foi a análise de conteúdo, no qual foram realizados estudos de textos para se obter fundamentação teórica para solucionar o problema apresentado.

Por fim, foi realizada uma confrontação dos dados obtidos das diversas fontes, almejando atingir o objetivo geral e os específicos que motivam esta pesquisa.

2.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

O presente trabalho possui limitações consideráveis quanto à profundidade do estudo realizado, uma vez que a pesquisa das principais teorias de Clausewitz não foi realizada na fonte de sua obra, redigida no idioma alemão, mas baseada em diversas fontes traduzidas. Além disso, não foram realizadas entrevistas com pessoas diretamente ligadas aos processos em estudo.

Outra limitação foi o fato do tema da guerra irregular assimétrica ser complexo, uma vez que possui conceitos, relativamente, novos e poucas obras a ele dedicadas especificamente. Ainda, dentro de um universo bastante amplo da quantidade de conflitos e guerras com características irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra mundial, o trabalho se limitou a analisar apenas quatro conflitos ocorridos nesse período.

Por fim, acredita-se que, a despeito das limitações apresentadas, a pesquisa possibilitou alcançar os objetivos ora propostos no presente trabalho.

3 OS PRINCIPAIS PENSAMENTOS E A TRINDADE DE CLAUSEWITZ

Em 1648, após o fim da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), com a Paz de Westfália, deu-se uma mudança relevante na ordem internacional, marcada pela criação dos Estados modernos, com fronteiras nacionais delimitadas. O poder foi deslocado das mãos da Igreja para as mãos dos Reis, que a partir daquele momento determinaram as ações estatais.

No entanto, o que surgia e se destacava era a “monarquia”, sendo o monarca a representação máxima do Estado, sem qualquer participação do povo, nem preocupação com os direitos individuais.

O Estado-Nação⁷ terminou sua consolidação quando acabaram os regimes monárquicos, no século XVIII, com a inserção do povo nos destinos da nação, buscando sistemas mais representativos. Porém, na França, no final do mesmo século, ocorreu a ascensão de Napoleão Bonaparte, momento que o Estado-Nação viria a entrar em “crise”, pois Napoleão iniciou uma política expansionista, através de conquistas territoriais e desrespeito aos princípios estabelecidos na Paz de Westfália, contestando a soberania estatal.

Nesse período, surge Carl von Clausewitz, um General prussiano que viveu entre 1780 a 1831. Ele participou de combates por seu país, além de desempenhar funções acadêmicas voltadas para a formação de pessoal e de doutrina para seu exército. Tentando transmitir suas percepções e experiências, ele escreveu o seu único livro, “Da Guerra”, que aborda seu pensamento sobre a guerra, alvo de estudos e discussões em universidades e academias militares pelo mundo. (LEONARD, 1988).

Os conceitos propostos por Clausewitz abarcam a natureza da guerra, fundamentando-se muito nos eventos e autores de sua época, como Frederico, O Grande, e Napoleão Bonaparte. Clausewitz foi um autor clássico e paradigmático da arte da guerra, pelo menos como ela é compreendida na tradição ocidental e europeia. (SILVA, 2003).

Entende-se, assim, que para uma melhor compreensão dos pensamentos e conceitos de Clausewitz, dentro dos conflitos regulares simétricos que

⁷ Uma área geografia que possui soberania, limite territorial definido, um governo administrativo e jurídico que congregue uma população subordinada às suas leis, e que tenha reconhecimento internacional (entendimento do autor).

protagonizaram o século XIX, faz-se fundamental considerar as conjunturas de sua época, pois o mesmo viveu a Europa das revoluções, com o capitalismo iniciando sua Primeira Revolução Industrial e modificando de forma considerável a arte da Guerra.

Para Clausewitz, a guerra “nada mais é que um duelo em escala mais vasta”, “um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade”. Ele diz ainda que “Num assunto tão perigoso como é a guerra, os erros devidos à bondade da alma são precisamente a pior das coisas” e que “aquele que utiliza sem piedade desta força e não recua perante nenhuma efusão de sangue ganhará vantagem sobre o seu adversário se este não agir da mesma forma”. (CLAUSEWITZ, 2010).

Segundo Ferezin (2013), em linhas gerais, as principais concepções contidas em “Da Guerra” que consagraram Clausewitz como um dos principais pensadores da guerra, política e estratégia são:

- a) “A Guerra é a continuação da política de Estado por outros meios”, conceito que expressa o imperativo da subordinação militar à política;
- b) Dupla natureza da guerra: distinção entre guerra absoluta e guerra real, ressaltando-se o caráter irreal e ideal do primeiro tipo de guerra e a inserção da política como elemento central para a compreensão das guerras reais;
- c) A inserção das forças morais e valores subjetivos como essenciais na condução das guerras;
- d) Relativismo histórico, indicando que cada período tem o seu próprio tipo de guerra e as circunstâncias restritivas adequadas à conjuntura histórica;
- e) Trindade da guerra, conceito formado por três tendências predominantes, que agem como forças no interior da guerra e que estão presentes em todas as guerras já empreendidas: a violência, que funciona como o impulso para a luta contra o inimigo; o jogo do acaso e da probabilidade, que permeia os combates e faz da guerra um fenômeno imprevisível e incalculável e o elemento de subordinação, afinal a guerra é apenas um mero instrumento da política, através do Estado, para alcançar determinados propósitos;
- f) Relação dinâmica entre defesa e ataque, destacando-se a primazia da defesa que repele o ataque ou resiste a ele, permitindo a conservação de uma situação ou posição. (FEREZIN, 2013).

Pode-se argumentar que a parte mais interessante do legado de Clausewitz é a teoria de que a natureza fundamental da guerra se assemelha à uma “trindade paradoxal”, cujos elementos são a violência, o acaso e o propósito racional. (SCHUURMAN, 2010).

Da mesma forma, para o analista geopolítico americano George Friedman, a

teoria central em “Da Guerra” é a trindade paradoxal de Clausewitz, que descreve as forças que afetam a guerra e o combate. Clausewitz defendia que se podia refletir a guerra em três vértices: a violência, o ódio e a inimizade primordiais; o acaso e a probabilidade; e a subordinação da guerra à política racional. Ele ligou cada um desses aspectos a uma manifestação física como exemplo. A população é geralmente associada com o ódio e violência primordiais; as Forças Armadas com o acaso e a probabilidade; e o governo é o responsável pela política. (FRIEDMAN, 2014).

Mas, essas ideias se aplicam de igual forma aos conflitos irregulares assimétricos do período pós Segunda Guerra Mundial?

Ainda para Friedman, vale lembrar que a trindade secundária de Clausewitz era apenas um exemplo de como a trindade primária pode se manifestar. Esses três conceitos existem em uma guerra irregular da mesma forma que em qualquer outra guerra. Embora não possuam, em geral, uma força militar ou governo formal, as insurgências contam com combatentes irregulares, formulam objetivos políticos, buscam estabelecer órgãos governamentais e se originam da população. (FRIEDMAN, 2014).

De acordo com Ferezin (2013), os atores são próprios de cada sociedade e do contexto histórico onde incide a guerra. As forças da trindade não se alteram e estarão presentes em cada guerra empreendida. A trindade representa o progresso conceitual de Clausewitz, dado pelo entendimento da subordinação do chefe militar ao governo, e da compreensão da guerra como um instrumento da política. (FEREZIN, 2013).

Para o pesquisador Bart Schuurman, ao fazer uma comparação das tendências absolutas da guerra com os fatores que limitavam seu escopo no mundo real, Clausewitz constatou que a guerra não é regida por nenhuma lógica em particular, sendo uma combinação de elementos que refletem sua natureza diversa. (SCHUURMAN, 2010).

Clausewitz disse ainda: “Uma teoria que ignore qualquer um deles, ou que procure estabelecer uma relação arbitrária entre eles, estaria a tal ponto em conflito com a realidade que somente por esta razão seria totalmente inútil”. (CLAUSEWITZ, 2010).

Outras considerações de Clausewitz que podem resultar em uma aplicação nos conflitos irregulares assimétricos são que:

- a) “Para desarmar um Estado; todavia, é preciso distinguir de imediato três coisas que, como questões de conjunto, englobam tudo o mais: as forças militares, o território e a vontade do inimigo”.
- b) “É preciso destruir as forças militares. O que significa que têm de ser colocadas em tais condições que se tornem incapazes de prosseguir o combate”.
- c) “É preciso conquistar o território, pois poder-se-ia constituir dentro dele uma nova força militar”.
- d) “A realização de ambas as coisas não significa o fim da guerra, isto é, o fim das tensões hostis e das operações hostis, enquanto a vontade do inimigo não tiver sido igualmente debelada, ou seja, enquanto o seu governo e aliados não estiverem decididos a assinar a paz ou o seu povo não se submeter. Porque, mesmo quando nos apoderarmos do país inteiro, o conflito poderá ressurgir no interior, ou por ação de aliados. Isto, evidentemente, também pode produzir-se uma vez firmada a paz; o que provaria apenas que há guerras que não comportam decisões e soluções perfeitas. Mesmo neste caso, a conclusão da paz apaga sempre, por si mesma, numerosos focos que teriam continuado em estado latente, e as tensões abrandam, porque os que se inclinam para a paz – sempre numerosos em qualquer circunstância – se desviam completamente da idéia de resistência”. (CLAUSEWITZ, 2010).

Clausewitz costuma mencionar os termos de “objetivo positivo” e “objetivo negativo”, sob os quais ele aplica alguns de seus pensamentos. Para ele, a vontade de destruir as forças inimigas, uma simples ação ofensiva, caracteriza o objetivo positivo, aquele que conduz a resultados positivos, cujo objetivo final será a derrota do inimigo. Já opção pela conservação das nossas próprias forças visa o objetivo negativo e que conduz à destruição das intenções do adversário pela nossa resistência, prolongando a duração da ação, buscando esgotar o inimigo. (CLAUSEWITZ, 2010).

Com esses conceitos, o filósofo prussiano faz uma análise buscando dimensionar o real valor dos objetivos políticos da guerra e até quando ela é viável. Nessa análise, percebe-se considerações relevantes para a aplicação em um cenário irregular assimétrico quando Clausewitz constata que a concentração de todos os recursos do Poder Nacional, com vista a uma pura resistência, confere a superioridade no combate. Isso acontece se os recursos são suficientemente grande para contrabalançar a preponderância eventual do inimigo. No seu entendimento, a simples duração desse combate é suficiente para que os dispêndios de força se tornem tão grandes que já não correspondam ao valor do objetivo político, sendo necessário abandonar esse objetivo e assinar a paz. Esse método que consiste em enfraquecer o inimigo, possibilita que o mais fraco resista ao mais forte.

(CLAUSEWITZ, 2010).

Ainda, para Schuurman, Clausewitz é tão relevante para a análise das guerras civis e das insurgências do século XXI, como é para o estudo da guerra “clássica” entre Estados. (SCHUURMAN, 2010).

Outro pensamento de Clausewitz que desperta reflexões interessantes para a sua aplicação em um cenário irregular assimétrico é quando ele afirma que:

“Constatamos, pois, que na guerra há muitas maneiras de se atingir o objetivo; que nem todas conduzem forçosamente à derrota do inimigo; que a destruição das forças militares inimigas, a conquista das suas províncias, a sua simples ocupação, a sua pura invasão, as iniciativas visando diretamente às relações políticas, e, afinal de contas, a expectativa passiva da investida inimiga – que tudo isto são só meios de que cada um pode se servir para subjugar a vontade do inimigo; as circunstâncias particulares de cada caso específico é que nos incitarão a confiar mais em uns que em outros”.

“Pode-se dizer que, por esta razão, o número de possibilidades necessárias para conduzir ao objetivo se eleva ao infinito”. (CLAUSEWITZ, 2010).

No que diz respeito à questionável subordinação militar ao poder político, o pensamento de Clausewitz se alinha ao raciocínio de que o Estadista, que estabelece e coordena as políticas de Estado, possui uma visão geral do todo. Assim, ele deve possuir tempo e competência para buscar soluções em um cenário com desafios nas expressões do Poder Nacional⁸. O militar, conhecido como especialista da Guerra (apenas na expressão militar), deve direcionar toda sua energia e raciocínio para desenvolver a arte da guerra e estudá-la como ciência, tendo em vista o alto custo que se pode pagar com recursos humanos e materiais, fruto de desconhecimento e inabilidades de sua parte. Assim sendo, percebe-se a necessidade da estrutura militar estar subordinada à política.

O doutor em estudos estratégicos e Relações Internacionais Érico Duarte, corrobora com a importância dos conceitos de Clausewitz apresentando o mesmo destaque da relevância de seus pensamentos, mas com uma roupagem revestida de profundo detalhamento. Seguem seus comentários:

A Teoria da Guerra de Clausewitz envolve a correspondência entre um conjunto de axiomas que conforma a definição do fenômeno do uso político da força, seus fundamentos e leis; e as dimensões analíticas (política, tática, estratégia e logística) que conformam as considerações necessárias para análise crítica e julgamento individual da conduta da guerra.

⁸ O Poder Nacional manifesta-se em cinco expressões: a política, a econômica, a psicossocial, a militar e a científico-tecnológica. (BRASIL, 2007).

Do ponto de vista da Teoria da Guerra, existem três conjuntos de elementos empíricos necessários e suficientes para a análise crítica de um caso histórico:

- (1) o contexto político, a característica do líder e das instituições políticas;
- (2) o caráter da população e das instituições sociais, seu engajamento às ações da liderança política, suas condições econômicas e técnicas de apoiar a guerra;
- (3) o caráter do comandante; a natureza e possibilidades dos armamentos, seu impacto nas armas combatentes, sua evolução em termos de organização e disposição da força combatente como um todo e a tendência de variação por novas mudanças.

É a partir dessas que se entende que há a reconstrução dos fatos e eventos históricos que conformam a primeira fase da análise crítica, e sobre os quais se aplicam as duas outras fases em que há efetivamente a aplicação das categorias analíticas: tática, estratégia, política e logística.

Logística: as considerações e decisões relativas à preparação para que as forças combatentes estejam dadas como prontas para seu uso em combate. Ao início da guerra e em cada enfrentamento cabe a liderança política e aos comandantes avaliar se as forças estão adequadas ao enfrentamento, à campanha e à guerra. E, assim, decidir pela articulação de todas as atividades correspondentes ao movimento, posicionamento e manutenção das forças combatentes, e ainda à criação de novas e/ou à reorganização das existentes;

Política: as considerações e decisões relativas ao uso da guerra para os propósitos políticos. Isto é, que guerras travar ou não, e como usar da guerra para viabilizar o alcance de um — ou mais de um — determinado objetivo político. Após cada enfrentamento, as lideranças políticas reavaliam os objetivos à luz de sua importância, à luz dos sacrifícios já feitos, à luz dos sacrifícios que os comandantes julgam que ainda venham a ser necessários ou plausíveis e decidem se ainda vale a pena perseguir aqueles objetivos políticos ou se é melhor modificá-los ou ainda, simplesmente, abandoná-los;

Tática: as considerações e decisões relativas ao emprego do meio “forças” — físicas e morais — para os propósitos do enfrentamento. Aos comandantes das forças combatentes cabe – em cada porção de combate que compõe o enfrentamento, à luz da taxa de perda das forças relativas e também da sua coesão – decidir o uso sucessivo ou simultâneo de suas forças através das formas de combate cerrado e de combate à distância e decidir ainda o *timing* de conversão de um ato destrutivo para um ato decisivo necessário para o alcance da vitória no campo de batalha;

Estratégia: as considerações e decisões relativas ao emprego dos enfrentamentos para a produção dos propósitos específicos de uma determinada guerra. Aos comandantes das forças combatentes cabe – em cada momento, à luz da apreciação dos enfrentamentos já travados; diante da avaliação das capacidades relativas das forças no teatro de operações – decidir quais enfrentamentos pretende travar e com que quantidade de força em cada um deles, de modo a produzir um encadeamento de resultados de enfrentamentos que viabilize o sucesso na guerra e, com isso, espera-se o alcance do objetivo político. (DUARTE, 2008).

Infere-se, portanto, com base em todos os conceitos e teorias supramencionados, que os pensamentos de Clausewitz foram produzidos como fruto de suas experiências em guerras e conflitos regulares simétricos do século XIX.

No entanto, aquele era um momento de profundas mudanças, ruptura de regras e paradigmas, transformações políticas, econômicas e sociais, que naturalmente incidiram sobre a conduta da guerra e das revoluções. Dentre todos os seus pensamentos, percebe-se o destaque que o próprio autor do “Da Guerra” e outros estudiosos dão ao estudo da Trindade de Clausewitz, devido a sua abordagem abstrata e nada cartesiana, própria para conflitos regulares simétricos e irregulares assimétricos, valorizando elementos fundamentais como o Povo, o Governo e as Forças Armadas, como pilares fundamentais das guerras e dos conflitos.

4 OS PRINCIPAIS CONFLITOS IRREGULARES ASSIMÉTRICOS DO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

4.1 Guerras e conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial

Para obter um entendimento do cerne do que sejam conflitos e guerras irregulares assimétricos, o presente trabalho se apoiou no Glossário das Forças Armadas brasileiras, onde verifica-se que:

- a) A guerra é o conflito no seu grau máximo de violência. Em função da magnitude do conflito, pode implicar a mobilização de todo o Poder Nacional, com predominância da expressão militar, para impor a vontade de um ator ao outro;
- b) O conflito armado é amplamente entendido como um recurso utilizado por grupos politicamente organizados que empregam a violência armada para solucionar controvérsias ou impor sua vontade a outrem; e
- c) As expressões guerra e conflito armado diferenciam-se apenas na perspectiva jurídica, segundo a qual a guerra entre Estados, de acordo com leis internacionais, condiciona-se a certos requisitos. Entre eles figuram o estabelecimento da neutralidade de países e a necessidade de declaração formal de guerra. Uma vez que as guerras atuais têm ocorrido sem atender a esses requisitos, a expressão guerra vê-se limitada em seu emprego. (BRASIL, 2015).

Continuando, ainda, na busca pelo entendimento conceitual, segue a diferença entre guerra irregular e assimétrica, seguindo o mesmo glossário:

- a) GUERRA IRREGULAR - Conflito armado executado por forças não regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais convencionais, contra um governo estabelecido (movimento revolucionário) ou um poder de ocupação (movimento de resistência). Engloba a guerra de guerrilhas, a subversão, a sabotagem e o apoio à fuga e evasão; e
- b) GUERRA ASSIMÉTRICA - 1. Conflito caracterizado pelo emprego de meios não-convencionais contra o oponente, normalmente pela parte que se encontra muito inferiorizada em meios de combate. 2. Conflito armado que contrapõe dois poderes militares que guardam entre si marcantes diferenças de capacidades e possibilidades. Trata-se de enfrentamento entre um determinado partido e outro com esmagadora superioridade de poder militar sobre o primeiro. Neste caso, normalmente o partido mais fraco adota majoritariamente técnicas, táticas e procedimentos típicos da guerra irregular. (BRASIL, 2015).

De acordo com o manual de Doutrina Militar de Defesa (DMD), do Ministério da Defesa do Brasil, a Guerra Assimétrica é:

Um conflito armado que contrapõe dois poderes militares que guardam entre si marcantes diferenças de capacidades e possibilidades. Trata-se de enfrentamento entre um determinado partido e outro com esmagadora superioridade de poder militar sobre o primeiro. Neste caso, normalmente o partido mais fraco adota majoritariamente técnicas, táticas e procedimentos típicos da guerra irregular. (BRASIL, 2007).

No caso da guerra irregular, o mesmo manual a define como um conflito armado realizado por forças não-regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais da guerra regular, contra um governo ou um poder de ocupação, empregando ações típicas da guerra de guerrilhas. (BRASIL, 2007).
Divide-se em:

- a) Guerra Insurrecional: Conflito armado interno, sem apoio de uma ideologia, auxiliado ou não do exterior, em que parte da população empenha-se contra o governo para depô-lo ou obrigá-lo a aceitar as condições que lhe forem impostas;
- b) Guerra Revolucionária: Conflito armado interno, geralmente inspirado em uma ideologia e auxiliado ou não do exterior, que visa à conquista do poder pelo controle progressivo da nação; e
- c) Guerra de Resistência: Conflito armado em que nacionais de um país ocupado por outro país ou coligação de países, total ou parcialmente, lutam contra o poder de ocupação para restabelecer a soberania e a independência preexistentes. (BRASIL, 2015).

Para dar contexto às definições já consagradas em âmbito institucional, observa-se, segundo o Coronel Visacro, que:

Para compreender a guerra irregular há que se partir da premissa de que, nesse tipo de beligerância, não existem regras. Sem regras, torna-se mais difícil a tarefa de delinear um conjunto rígido e definido de princípios teóricos que fundamentem a sua aplicação em circunstâncias muito diversificadas. Contudo, o vigor da guerra irregular encontra-se, justamente nessa importante característica: a ausência de padrões rígidos que lhe permite adequar-se e moldar-se a ambientes políticos, sociais e militares diferenciados. (VISACRO, 2009).

No entendimento do General Álvaro, do Exército Brasileiro, a guerra irregular envolve atores estatais e não estatais, percebida por sua influência nos aspectos políticos, econômicos, psicossociais, militares e científico-tecnológicos, visando quebrar o poder estabelecido, a influência e a vontade do oponente. Para isso, ela busca obtenção da legitimidade e da credibilidade junto a diferentes públicos-alvo. Suas operações têm foco na presença permanente da população civil não-combatente. (PINHEIRO, 2007).

Para aprofundar mais no assunto, em suas explicações, o General Álvaro respeita a seguinte linha de raciocínio, afirmando que:

Na atualidade, o conceito de guerra irregular, que tem uma aceitação majoritária no seio da comunidade militar internacional, em função de sua clareza, atualidade e objetividade, é o adotado nos EUA: *“luta violenta entre estados e grupos armados não estatais pela legitimidade e influência sobre uma população relevante.”* A guerra irregular, no seu mais atualizado entendimento, compreende as atividades de: insurreição e contra-insurreição; combate não convencional; terrorismo e contraterrorismo;

operações de estabilidade, segurança, transição e reconstrução; comunicações estratégicas; operações psicológicas; operações civico-militares; operações de informação; atividades de inteligência e contra-inteligência; atividades criminosas transnacionais tais como narcotráfico, contrabando de armas, e lavagem de dinheiro que sustentam atividades de guerra irregular; e atividades de segurança pública que previnem e combatem as atividades de guerra irregular. (PINHEIRO, 2007).

No período pós Segunda Guerra Mundial, a guerra irregular atua em um novo contexto, onde o financiamento do narcotráfico e o extremismo fundamentalista islâmico passaram a exercer forte influência, sendo necessária uma reavaliação dos preceitos teóricos que interferem, sobretudo, na formulação de políticas nacionais de defesa. (VISACRO, 2009).

Assim, as forças irregulares, dentro de um ambiente de guerra irregular assimétrico, não conseguem competir em igualdade de condições com o poder militar convencional e as tecnologias de um Estado. Elas optam por áreas que lhes assegurem vantagens, como as áreas urbanas, no meio do povo, e as áreas rurais onde exista a possibilidade de se homiziar, proporcionando as mais significativas vantagens. (PINHEIRO, 2007).

Após o breve e fundamental nivelamento conceitual abordado, faz-se necessário o entendimento da evolução dos conflitos armados, quando foi consagrada uma divisão da guerra em quatro gerações.

Estabeleceu-se que a “1ª Geração” caracterizava-se pelo emprego preponderante do “Princípio da Massa” e teve seu auge nas guerras napoleônicas. A “2ª Geração”, foi identificada pelo emprego intensivo do “Fogo”, muito evidenciado na Primeira Guerra Mundial. A “3ª Geração” teve o enfoque da “Manobra”, representada pela “*blitzkrieg*”, tática empregada pelo exército alemão na Segunda Guerra Mundial. Nas três gerações, os Estados eram os protagonistas.

Para compreender a “4ª Geração, na qual são desenvolvidos os conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial, o General Álvaro apresenta uma definição relevante:

A “4ª Geração” resulta de uma evolução que visa tirar vantagem das mudanças política, social, econômica e tecnológica vivenciadas desde a Segunda Guerra Mundial. Junto aos estados nacionais, aparecem como novos atores protagonistas, organizações não estatais armadas, forças irregulares de diferentes matizes: separatistas, anarquistas, extremistas políticos, étnicos ou religiosos, crime organizado e outras, cuja principal forma de atuação se baseia nas táticas, técnicas e procedimentos da guerra irregular. Fundamentalmente, utiliza-se das vantagens que essas mudanças possam proporcionar a essas forças, independentemente de suas diversificadas motivações político-ideológicas, estruturas organizacionais, nível de apoio da população local, nível de capacitação militar e eventual

suporte externo. Proliferou, particularmente, por ocasião do auge da Guerra Fria, quando a ameaça do holocausto nuclear conseqüente da confrontação entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ameaçava o mundo.

A opinião pública internacional, de uma maneira geral, está ciente que o Conflito de 4ª Geração é a única modalidade em que os EUA foram batidos. E, mesmo considerando as significativas diferenças existentes entre cada crise, há que se ter em mente que não foi numa única oportunidade, foi em três: Vietnã, Líbano e Somália. Essa forma de fazer a guerra também derrotou os franceses na Indochina e os russos no Afeganistão. Na atualidade, continua “sangrando” a Rússia, na Chechênia e os EUA, no Afeganistão e no Iraque.

Hoje, em diferentes Teatros de Operações, tais como no Afeganistão, na Chechênia, no Iraque, na Palestina, no Líbano, no Kosovo, nas Filipinas e na Colômbia, forças irregulares de diferentes matizes, tais como o Movimento Talibã, a Frente Separatista Chechena, as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), a Frente de Libertação Abu Sayaf, o Hamas, o Hezbollah e, sobretudo, a Al Qaeda, de Osama bin Laden, são os atuais agentes dessas táticas, técnicas e procedimentos que, na realidade, estão sendo desenvolvidos há várias décadas, ratificando que a guerra irregular se tornou um dos instrumentos mais eficientes e eficazes na consecução de transformações radicais, quer sejam elas de cunho político-ideológico, étnico ou religioso. Transformações essas que, na atualidade, são os fatores de motivação preponderantes dos conflitos assimétricos caracterizados pela confrontação armada entre forças militares regulares estabelecidas, cuja capacitação militar é incontestavelmente superior, e forças irregulares de diferentes matizes e níveis de capacitação militar. (PINHEIRO, 2007).

Nesse sentido, fruto de seu entendimento sobre as evoluções e características dos conflitos, o Genral Álvaro chama a atenção para a importância do fator humano e das considerações civis na arquitetura das soluções desses conflitos. Ao apreciar os aspectos operacionais e táticos de uma campanha de guerra irregular, há que se destacar a relevância do ambiente psicossocial. É necessário atuar com as complexidades humanas e culturais, características dos conflitos irregulares atuais. Assim, o conhecimento cultural tornou-se impositivo, baseado no conhecimento histórico, costumes sociais e religiosos, valores e tradições. Os soldados devem, no conflito de 4ª geração, ser adestrados para a obtenção do apoio da população. (PINHEIRO, 2007).

Ainda, nos conflitos de 4ª Geração, pode-se identificar ligações dos grupos irregulares com instituições transnacionais, com organizações não governamentais (ONG) e com o crime organizado. Tal fato conduz ao favorecimento político para obtenção de credibilidade e legitimidade, além de facilitar o recrutamento de seu pessoal, aquisição de materiais necessário e o respaldo econômico.

Para resumir as características desses conflitos irregulares assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial, o General Álvaro defende que:

Desde o término da Segunda Guerra Mundial, em diferentes partes do mundo, eclodiram alguns poucos conflitos armados convencionais e uma significativa quantidade de guerras irregulares. A Guerra da Coréia; os conflitos armados árabe-israelenses de 1956, 1967 e 1973; a Guerra das Malvinas; a Guerra Irã – Iraque e a Primeira Guerra do Golfo foram os convencionais. Em contraste com estes, eclodiram, nos cinco continentes, um grande número de sangrentos conflitos caracterizados pelo emprego intensivo de forças irregulares. Dentre outros, destacam-se: a Revolução Comunista na China; as Primeira e Segunda Guerras na Indochina; a Guerra de Independência na Argélia; e a Guerra Afegã-Soviética nos anos 80. Conflitos armados caracterizados pela assimetria entre os oponentes e que continuaram a ser desencadeados mesmo após o término da Guerra Fria, como é o caso do conflito étnico-religioso nos Bálcãs que desmembrou a antiga Iugoslávia; a Primeira Intifada, na Palestina; as Primeira Guerra (2000) e, mais recentemente (2006), Segunda Guerra do Líbano, sangrento conflito armado entre as Forças de Defesa de Israel e o Hezbollah, no sul daquele País.

Na própria América Latina, o Conflito de 4ª Geração se fez presente num grande número de países que vivenciou trágicas experiências revolucionárias de motivação predominantemente marxista-leninista. Os “Montoneros” na Argentina, os “Tupamaros” no Uruguai, o “Sendero Luminoso” no Peru, e a guerra civil na Colômbia são alguns marcantes exemplos. Nem mesmo o Brasil, País em que a luta armada motivada pelo radicalismo ideológico jamais recebeu o apoio da população, escapou dessa confrontação. (PINHEIRO, 2007).

Dentro desse ambiente extremamente complexo, o Coronel Visacro apresenta uma abordagem ambiciosa, na qual ele condiciona aspectos encontrados na Trindade de Clausewitz para a busca das soluções dos conflitos irregulares assimétricos atuais. São eles:

Todas as contradições sociais e o ambiente nocivo que fomentam a violência política organizada consubstanciam-se, de uma forma ou de outra, em torno da questão da legitimidade do Estado. Sendo o apoio da população o verdadeiro centro de gravidade dos conflitos irregulares, compete ao Estado assenhorar-se desse apoio por meio da ampla aceitação pública de sua legitimidade. Portanto, todos os esforços empreendidos nas campanhas contra forças irregulares devem possuir como objetivo principal assegurar, respaldar e fortalecer a legitimidade do poder central. Orientadas nesse sentido, as Forças Armadas e as corporações policiais devem:

atuar dentro dos limites legais, dispondo, para tanto, de um arcabouço jurídico adequado às ações policiais e à condução das operações militares;

apresentar conduta ética e, tanto quanto possível, transparente; – fazer uso limitado da força letal; – sobretudo colaborar para que sejam dadas respostas eficazes às necessidades básicas, aos anseios e às reivindicações da população local.

Se as forças irregulares mostraram-se capazes de se desenvolver além de seus estágios iniciais de organização e expansão, tornando-se uma ameaça factível ao poder do Estado, é lícito supor, portanto, que existe um ambiente político-social degradado o bastante para fomentar a violência coletiva. O poder central encontra-se, ao menos momentaneamente, em desvantagem. Dessa forma, para que tenha êxito, o Estado, necessariamente, deverá formular uma abordagem política e militar integrada, calcada em empreendimentos públicos destinados a atender às

demandas sociais, invalidando o proselitismo radical e o apelo dos insurretos à luta armada.

O Estado só terá vencido quando contar com o apoio ativo da população, deixando as forças irregulares, permanentemente, isoladas dos habitantes locais. Se isso acontecer, os grupos armados ainda poderão permanecer ativos, conservar alguma capacidade operacional ou desenvolver intensas atividades, porém, a partir desse momento, estarão derrotados, absorvidos por um ciclo decadente e infrutífero de violência. (VISACRO, 2009).

Em síntese, observa-se a pequena diferença conceitual entre conflitos e guerras. Em que pese as diferenças entre os conceitos serem muito sutis, não se percebe motivo para dificultar o entendimento do trabalho proposto⁹.

Além disso, pode-se identificar a complexidade dos conflitos atuais, principalmente os de 4ª geração, inseridos em um ambiente volátil, incerto, complexo e ambíguo, no qual percebe-se a presença dos elementos fundamentais da Trindade de Clausewitz (Governo, Povo e Forças Armadas) como objetivos fundamentais para o sucesso nos conflitos.

4.2 A Guerra da Argélia

Em 1830, a França anexou a Argélia, que passou a ser mais uma colônia daquele país. Naquela época, percebia-se uma grande disparidade, pois praticamente só os argelinos nativos não tinham direitos políticos. Sua economia era controlada pelos franceses, em sua maioria, nascidos e criados na própria Argélia.

A Guerra da Argélia foi um conflito de libertação nacional entre o povo argelino e a França, que iniciou-se em 1954 e perdurou até o ano de 1962. Esse conflito resultou na independência da Argélia. No mesmo espectro conflitante, também foi uma guerra civil entre os simpatizantes argelinos pró-França contra os que desejavam a independência.

Na busca de um entendimento do contexto da época em que se iniciou os pensamentos de independência da Argélia, o Tenente Coronel Philippe François, do Corpo de Fuzileiro Naval da França, considera que a Argélia não era só uma colônia de exploração econômica para os franceses, era realmente um território francês. Cerca de um milhão de cidadãos franceses de etnia europeia moravam na Argélia,

⁹ No entanto, de forma corriqueira, os especialistas têm optado pela utilização da expressão de “Guerra” para definir “conflito”. (entendimento do autor).

um entre cada nove argelinos era descendente de colonos franceses e consideravam a Argélia como parte da França. (FRANÇOIS, 2009).

Ainda no mesmo contexto, o Coronel Gilles Martin, do Exército Francês, afirma que em 1954, “Argélia é França”. Esse era o pensamento dos franceses e dos cidadãos argelino-franceses que viviam na Argélia, dos quais cerca de 14% haviam sido mobilizados, desde 1942, para lutarem na Segunda Guerra Mundial pela libertação da França junto aos aliados. Aqueles veteranos de guerra ainda estavam a favor da França. A recompensa após o término da guerra foram medalhas, pensões e empregos como funcionários do governo. Muitos daqueles que aguardavam a esperada cidadania francesa foram surpreendidos pela ingratidão, mas os vínculos da fraternidade adquiridos nos campos de batalha eram inesquecíveis. Em 1954, raros indivíduos concebiam a ideia de lutar contra seus antigos companheiros do Exército Francês. (MARTIN, 2005).

Por essas e outras razões, a oposição nacionalista encontrou dificuldades em organizar e recrutar militantes, mas em 1954 alguns homens optaram pela luta armada para conquistar a independência, criando a Frente de Libertação Nacional (FLN). A FLN criou um exército, chamado de Exército de Libertação Nacional (ELN), para executar operações militares e utilizou da luta armada para conseguir a independência. Os líderes da Frente de Libertação Nacional, no nordeste da Argélia, perceberam que os guerrilheiros não estavam convencendo a população a se aliar à eles. Dessa forma, aumentaram a violência, gerando ódio e medo entre as comunidades francesa e muçulmana.

Segundo o Coronel Gilles Martin, o Exército Francês teve que travar uma guerra contra guerrilhas, insurreição e terrorismo, uma guerra revolucionária, na qual a conquista da população estava em jogo. (MARTIN, 2005).

Com o mesmo objetivo de controlar a população, a FLN fez uso de panfletos, rádio, jornais, operações psicológicas e terrorismo para intimidar o povo, e empregaram a atividade de guerrilha em ambientes rurais.

Os rebeldes alcançaram seus objetivos com essa tática, que direcionou o Exército Francês a pressionar os supostos guerrilheiros, aumentando prisões, interrogatórios, detenções e repressões na população muçulmana, refletindo no alinhamento dessa população com a Frente de Libertação Nacional. Em 1956, a Frente de Libertação Nacional controlava um vasto território argelino e dominava a população muçulmana.

O Tenente Coronel Philippe François nos dá a seguinte contribuição para fasear o conflito:

O conflito se desdobrou em quatro fases:

a) Fase I (1954-55): assistiu à disseminação e o crescimento da FLN.

b) Fase II (1955-58): testemunhou a ascensão da FLN ao status de governo paralelo, conforme ela conseguiu ampliar sua influência e controle com um misto de terrorismo e táticas de guerrilha, mas a França reduziu os ganhos da FLN durante operações de contrainsurgência brutais.

c) Fase III (1958-61): viu as forças armadas francesas quase destruir o ELN na Argélia. Contudo, enquanto se alcançava a vitória militar, a França iniciou negociações secretas para conceder a independência à Argélia. O ELN aguardou, nos santuários, o resultado das negociações, enquanto a FLN se exilou para operar a partir da Tunísia.

d) Fase IV (1961-62): testemunhou a conquista da independência pela Argélia e o estouro da guerra civil entre as forças do governo que apoiavam a FLN e partidários ferrenhos da Argélia francesa. (FRANÇOIS, 2009).

Figura 01 – Guerra da Argélia



Fonte: site Wikipédia. (Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_da_Arg%C3%A9lia > Acesso em: 20 fev.2019).

Para o Coronel Gilles Martin:

Apesar dos tangíveis ganhos militares, a Frente de Libertação Nacional compreendeu que a vitória não seria de natureza militar, e sim política. Eles viam a necessidade de que a Guerra da Argélia fosse discutida pela mídia internacional e na Organização das Nações Unidas. Em 1957, a Frente de Libertação Nacional começou a recorrer ao terrorismo urbano, detonando bombas nas ruas de Argel e causando dezenas de vítimas civis, o que atraiu a atenção do mundo e da ONU. O governo francês tomou uma decisão de extrema importância. Ele garantiu poder absoluto ao Exército na Argélia e ordenou que restabelecesse a ordem e a segurança, usando todos os meios disponíveis. Em questão de semanas, a situação se reverteu e as células da Frente de Libertação Nacional foram desmanteladas. (MARTIN, 2005).

No que diz respeito ao fato do Exército assumir o poder local, algo não corriqueiro em operações militares, aproveita-se as considerações do Tenente Coronel James D. Campbell, da Guarda Nacional do Estado do Maine, dos EUA, quando afirma que o Exército Francês, na Argélia, tinha liberdade para fazer o que fosse necessário para a restauração da ordem e que essa autoridade, ilimitada, foi prorrogada por cinco anos, o que culminou com o término da Quarta República da França. (CAMPBELL, 2005).

Devido ao fracasso considerável da Frente de Libertação Nacional, o Exército da França retomou a iniciativa, buscando controlar as fronteiras, o terreno e o povo. Em paralelo, o governo da França procurou uma negociação, o que provocou a insatisfação dos franceses que viviam na Argélia e a descrença por parte do Exército Francês.

Para agravar a situação, o governo francês determinou ao Exército que se opusesse aos insurgentes. No entanto, o Exército ficou do lado deles, exigindo a troca do governo e da Constituição da França, o que veio a acontecer com a eleição do General De Gaulle.

De Gaulle ganhou as eleições e logo conseguiu negociar com o Exército e com a população. Na sequência, estabeleceu alguns acordos para a autodeterminação argelina em 1962, pois, segundo o Coronel Martin, diferente dos militares, o General De Gaulle percebia a geopolítica global de forma distinta, vendo que o movimento de descolonização era apoiado pela comunidade internacional. Assim, ele decidiu que o lugar da França era na Europa, e não na África. (MARTIN, 2005).

Corroborando com o fato, na análise do Tenente Coronel Philippe François, em geral, o sistema de colonização caíra em descrédito na comunidade internacional, que exercia pressão contra as nações que buscavam manter suas ex-colônias. (FRANÇOIS, 2009).

Fica perceptível que o Exército da França não conseguiu compreender a política do General De Gaulle e percebeu que não teria sucesso em seu objetivo. Ele presumiu que De Gaulle fosse manter a Argélia como território francês, o que não ocorreu.

Fruto da dificuldade de executar o acordado com os argelino-franceses que viviam no país e com os simpatizantes muçulmanos, quatro Generais se motivaram

a retomar o controle de Argel e exigir que o General De Gaulle adotasse novamente a política de uma “Argélia francesa”, não negociando com a Frente de Libertação Nacional. Contudo, os demais militares franceses e a opinião pública se mantiveram unidos ao General De Gaulle e puseram fim a tentativa de golpe.

Segundo o Coronel Martin:

Os militares mais radicais e os argelino-franceses fundaram uma organização terrorista – A Organização Secreta do Exército. O referido grupo tentou assassinar o General De Gaulle e desencadeou o início de uma guerra civil com o governo, com a polícia e com o Exército Francês, além de uma guerra étnica contra a comunidade muçulmana. O Exército abriu fogo contra manifestantes argelino-franceses que carregavam a bandeira francesa e cantavam o hino nacional francês. Os argelino-franceses compreenderam, então, que não mais possuíam um lugar na Argélia. (MARTIN, 2005).

Nos cálculos apresentados pelo Coronel Martin:

Milhares de muçulmanos pró-franceses emigraram para a França, mas a maioria deles, prefeitos, chefes tribais, *harkis*, escolheu ficar na Argélia, pensando que estava protegida pelo tratado de paz. Aproximadamente 150.000 foram imediatamente massacrados.

A baixa de vítimas civis e militares ainda é tema de debate. Os dados seguintes são oriundos do Ministério da Defesa da França:

22.755 soldados franceses mortos, dos quais 7.917 mortos em acidentes e outros 56.962 feridos. Os 3.500 soldados muçulmanos mortos em combate enquanto serviam no Exército Francês devem ser somados a esse total;

2.788 civis franceses mortos pela Frente de Libertação Nacional, e outros 875 desaparecidos;

141.000 membros da Frente de Libertação Nacional mortos em combate, e outros milhares que desapareceram após a batalha de Argel devem ser adicionados;

12.000 membros da Frente de Libertação Nacional vítimas de expurgos internos;

66.000 civis muçulmanos mortos pela Frente de Libertação Nacional antes do cessar-fogo e provavelmente outros 150.000 posteriormente (principalmente os *harkis* e outros muçulmanos pró-franceses);

Pelo menos 16.000 civis argelinos mortos durante os combates, revoltas ou confrontos étnicos com os argelino-franceses ou com as forças de segurança francesas, ambos na França e Argélia.

O chefe da Frente de Libertação Nacional, Krim Belkacem, cita 300.000 mortos na comunidade muçulmana. (MARTIN, 2005).

Na avaliação do Tenente Coronel Philippe François, o estado final desejado pela França mudou três vezes. Iniciou com a tentativa de manter uma sociedade de dois níveis dominada pelos franceses europeus étnicos, seguiu para a outorga de cidadania francesa aos muçulmanos em 1958, com o intuito de aliciá-los a apoiar a

retenção da Argélia pela França, e finalizou para a concessão da autodeterminação aos muçulmanos em 1960. O Tenente Coronel Philippe concluiu que se o povo não “compra” o projeto político, a guerra é perdida logo de início. A obtenção de um estado final político claro e estável exigia manter a vontade política do governo e do povo francês e agir com rapidez para estabelecer a lei e a ordem na Argélia. (FRANÇOIS, 2009).

No final do conflito, as Forças Armadas da França sofreram uma intensa desconfiança da classe política. A opinião pública tentou preservar o Exército da França que, indiscutivelmente, teve a pretensão de planejar um golpe militar, abalando a democracia e as instituições políticas daquele país.

Ainda, o Tenente Coronel Philippe François apresenta três lições que foram aprendidas em operações de contrainsurgência e que possuem características consideráveis com os elementos da Trindade de Clausewitz: “manter a vontade política para apoiar o conflito; manter o controle da população; e destruir a estrutura política e militar do inimigo em cada etapa do conflito” (FRANÇOIS, 2009).

De forma parcial, pode-se identificar o pensamento de Clausewitz, particularmente sua Trindade Paradoxal, presente na Guerra da Argélia, um conflito irregular assimétrico.

Considerando que o sucesso dos conflitos, conforme Clausewitz, é alcançado pelo equilíbrio perfeito do emprego correto dos elementos: Povo, Governo e Forças Armadas, fica nítido que o governo da França não adotou políticas eficientes e não deu atenção à motivação popular para dar suporte ao conflito, um importante centro de gravidade.

A guerra foi travada, praticamente, apenas por intermédio das Forças Armadas francesas, ao ponto do governo central dar-lhes total poder na Argélia, contrariando o pensamento de Clausewitz, que enfatiza a subordinação da expressão militar à expressão política, o que, no final do conflito, contribuiu para a queda do seu governo (Quarta República) e, num segundo momento, para a tentativa de um golpe militar contra o Gen De Gaulle.

Por outro lado, o movimento pró-independência argelina aproximou-se mais da Trindade de Clausewitz, criando uma estrutura política (FLN) e militar similar à um Exército regular (ELN). Na análise das atribuições de seu governo (FLN), ele trabalhou na conquista do apoio da população local para aderir à causa da independência, formulou políticas e estabeleceu objetivos claros e tangíveis.

Ressalta-se a percepção da FLN para a necessidade de mudar a estratégia das ações de cunho militar para ações no ambiente informacional, visando chamar a atenção da opinião pública internacional e da ONU. No final, a FLN foi o contendor que melhor trabalhou a maioria dos elementos da Trindade de Clausewitz, sagrando-se vitoriosa na Guerra da Argélia.

4.3 A Guerra do Vietnã

Possivelmente, a Guerra do Vietnã seja a guerra irregular assimétrica mais conhecida internacionalmente. Existem várias produções literárias e cinematográficas que retratam os diversos acontecimentos desse conflito que pôs em lados opostos a maior potência bélica do planeta, os EUA, e um país com uma força armada sem nenhuma relevância e que ainda vivenciava uma guerra civil, minimizando seu Poder Nacional: o Vietnã.

Na sua história recente, o Vietnã foi ocupado por japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, quando iniciou uma inclinação socialista com a formação de grupos de resistência com essa orientação. Após o fim da guerra, foi invadido por franceses, mas conquistou sua independência pela Conferência de Genebra¹⁰ (1954), livrando-se dos domínios franceses, com a criação de dois países: o Vietnã do Norte, socialista com capital em Hanói, e o Vietnã do Sul, capitalista, com governo ditatorial, com capital na cidade de Saigon e financiado militarmente e economicamente pelos EUA.

No entendimento da Professora de História Juliana Bezerra, o governo do Vietnã do Norte sempre manifestou um desejo de reunificar os dois territórios em um só país. Com a intenção de tentar evitar um conflito interno, após o desgaste de vários outros ocorridos, a população decidiria, por meio de um plebiscito, os rumos da unificação do Vietnã em 1956. Os indicadores apontavam que este seria vencido pela facção comunista. Diante deste quadro, o primeiro-ministro Ngo Dinh Diem, apoiado pelos EUA, aplicou um golpe militar em 1955, provocando uma guerra civil entre as forças do Sul e do Norte. Nesse momento, iniciava a guerra. (BEZERRA, 2018).

O contexto histórico do conflito da guerra do Vietnã esteve inserido na Guerra Fria, onde o bloco capitalista, liderado pelos EUA, implementava sua

¹⁰ Conferência realizada em Genebra que decidiu pela divisão do Vietnã em dois Estados, após a independência da França (entendimento do autor).

política de contenção da expansão do bloco comunista, liderado pela antiga URSS.

Segundo Cruz, a Guerra do Vietnã foi um conflito entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul, no período compreendido entre 1959 e 1975. Esse conflito foi motivado por questões ideológicas e contou com intenso envolvimento dos EUA, de 1965 a 1973. A participação norte-americana teve início em agosto de 1964, quando aconteceu o incidente do Golfo de Tonquim¹¹, envolvendo o contratorpedeiro Maddox, que foi utilizado como pretexto para ampliar o envolvimento do governo de Washington, a partir de 1965. (CRUZ, 2008).

Na guerra, os Estados Unidos eram aliados do Vietnã do Sul, capitalista. O Vietnã do Norte, comunista, e os guerrilheiros vietnamitas, denominados vietcongues, desejavam a dissolução da repartição surgida com a derrota da França em 1954, antiga metrópole colonial, e a união dos países em um só. A guerra terminou em 1975, com incontestável vitória comunista. Para os vietnamitas, a guerra era “total”, envolvendo cada segmento da sociedade em um grande esforço nacional. (NETO, 2017).

Figura 02 – Guerra do Vietnã



Fonte: site Curiosidadesocultas. (Disponível em <https://curiosidadesocultas.blogspot.com/2015/04/hoje-na-historia-1975-governo-do-vietna.html> Acesso em: 20 fev.2019)

Na região sul vietnamita, havia um governo autoritário e corrupto, forte

¹¹ Um navio americano foi atacado por lanchas vietnamitas em águas internacionais quando patrulhava no Golfo de Tonquim, o que foi percebido pelos americanos como um ato de guerra (entendimento do autor).

tendências repressivas e violentas e com um quadro com consideráveis diferenças sociais. Tudo isso prejudicava a legitimidade política do governo e dificultava a conquista do apoio da população. Além disso, o Exército Sul Vietnamita inspirava pouca confiança.

Já os comunistas do Norte criaram a Frente de Libertação Nacional, que deu origem ao Exército Vietcongue, oficialmente chamado de Exército Popular do Vietnã, o qual teve o protagonismo no combate irregular assimétrico, enquanto as forças regulares ficaram reunidas no Exército do Vietnã do Norte. O apoio externo da URSS e da China foi fundamental para o suporte político, para a ajuda financeira e para o fornecimento de material bélico. A população local apoiou o governo de forma incondicional, sendo imprescindível para o êxito das forças irregulares, uma das principais causas da vitória norte-vietnamita.

Durante os conflitos, os americanos utilizaram bombardeios com artilharia e aviões, causando consideráveis danos aos civis. Era notório que os EUA não eram derrotados nas batalhas, mas não conseguiam vencer a guerrilha vietcongue nem o Exército Norte Vietnamita. Até que em 1968, um número expressivo de guerrilheiros vietnamitas realizaram a conhecida Ofensiva do Tet, que deu subsídio para a mídia americana reformular sua opinião de que a guerra não era bem aquilo que se acreditava e que os EUA enfrentavam um inimigo muito mais resiliente e motivado. Os acontecimentos do Tet mostraram que o Vietnã do Norte não estava destruído e iria continuar o combate.

O Coronel Visacro apresenta um dado relevante, de que em 1969, no auge do conflito do Vietnã, 80% dos gastos norte americanos no Sudeste Asiático eram para as Forças Armadas. Na sua avaliação, teria sido melhor se o recurso fosse empenhado na reconstrução do Vietnã do Sul pós-Tet. (VISACRO, 2009).

Para o autor supramencionado, a vitória vietnamita deu-se pelo conhecimento do tipo de guerra que estavam lutando, no caso, a guerra irregular. Eles conheciam as vulnerabilidades dos seus inimigos e souberam explorá-las. Além disso, a força militar, composta por guerrilheiros vietcongues e soldados norte vietnamitas era coesa e acreditava nas causas da guerra. Para os norte-vietnamitas, eles foram comandados por chefes aguerridos que não ignoraram os ensinamentos de Clausewitz. (VISACRO, 2009).

Para Bruno Silva, graduado em história, a expressiva quantidade de soldados americanos mortos no conflito (em sua maioria muito jovens) criou um profundo

sentimento de desilusão, tristeza e revolta na população dos EUA, refletindo na opinião pública, que começou a pressionar fortemente o governo americano. Mesmo com a grande quantidade de baixas do lado comunista, a guerrilha se mantinha firme e o desgaste das forças americanas e sul vietnamitas era cada vez maior. O conhecimento do teatro de operações por parte dos vietcongues, a inexperiência dos americanos naquele tipo de conflito e a pressão da opinião pública, com protestos nas ruas, fizeram os Estados Unidos saírem da guerra em 1973. (SILVA, 2008).

Segundo Cruz, a lista de crimes cometidos durante a guerra do Vietnã é impressionante e quase interminável. Existiram casos de torturas, assassinatos, golpe de Estado, envenenamento massivo por meio do agente laranja, incêndio de aldeias usando Napalm, estupros e outros. (CRUZ, 2008).

Segue a análise política do Coronel Visacro, na qual se pode perceber a importância de uma política estatal racional, baseada em objetivos políticos tangíveis e de um amplo apoio popular:

O Vietnã foi um problema sem solução que se arrastou por quatro administrações consecutivas – Eisenhower, John Kennedy, Lyndon Johnson e Richard Nixon. Mesmo Kennedy e Nixon, que advogaram uma postura menos belicosa, postularam “respostas flexíveis”, comprometeram-se perante a opinião pública interna a reavaliar o envolvimento norte-americano no Sudeste Asiático e, até por isso, elegeram-se presidentes; em termos práticos, não deixaram de tomar decisões políticas e apoiar decisões militares que contrariaram seus próprios discursos, mostrando que a política externa norte-americana é muito mais dogmática e inflexível do que aparenta ser no exercício cotidiano da democracia.

Os Estados Unidos tinham um objetivo político claro na Indochina: promover um Estado capitalista e pró-ocidental estável no Vietnã do Sul, capaz de antepor-se a Hanói e conter a expansão comunista na península. Entretanto, graças à degradação do governo de Saigon, esse objetivo não podia ser traduzido em metas políticas exequíveis. Sem metas políticas possíveis de serem alcançadas, qualquer estratégia militar torna-se inconsistente. Mesmo com relativo êxito tático no campo de batalha, Washington não poderia vencer, pois, alicerçou sua política de contenção na defesa de um regime corrupto, impopular e incapaz de se autossustentar.

Diplomaticamente, a situação de Washington não era mais confortável. Nenhuma outra grande potência capitalista dispôs-se a enviar tropas para as selvas do Sudeste Asiático. Foram unidades da Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia e Filipinas que se engajaram na luta ao lado dos norte-americanos.

O impacto das imagens dos combates sobre a descontente opinião pública interna foi decisivo ao revelar dois aspectos essenciais do conflito. Primeiro, apesar de seu elevado custo e dos pronunciamentos oficiais, a Guerra do Vietnã estava muito longe de seu fim. E, segundo, os Estados Unidos desempenhavam o papel de potência opressora. O resultado da ofensiva comunista sobre a opinião pública internacional foi igualmente danoso, levando o governo de Washington ao isolamento político. (VISACRO, 2009).

Após a saída dos americanos, a guerra se estendeu até 1975 entre as forças do norte e do sul. Porém, sem condições de resistir ao avanço dos comunistas do Norte, o Vietnã do Sul capitulou em 1976. Naquele ano, o Vietnã se unificou, transformando-se numa república socialista alinhada à China e à URSS.

A Doutora em Ciências Políticas Carla Cristina Wrbieta Ferezin conseguiu arquitetar as seguintes considerações do General Collin Powel e do Coronel Summers, sobre a guerra do Vietnã:

Powell procurou em “Da Guerra” o motivo para o fracasso dos Estados Unidos da América em sua guerra contra o Vietnã, e para ele a resposta estava na trindade da guerra, que em sua visão se resumia nos elementos: governo, forças armadas e povo. Para o general americano, o país que não apresentasse a consonância desses três componentes não encontraria sucesso na Guerra.

O coronel Harry G. Summers Jr, usou também a “trindade clausewitziana” para tentar explicar o fracasso dos Estados Unidos no Vietnã. Em um estudo preparado para *US Army War College* intitulado “*On Strategy: A Critical Analysis of the Vietnam War*”, publicado em 1982, Summers utilizou-se amplamente da teoria clausewitziana para enfatizar que os Estados Unidos da América falharam em tratar da questão de como utilizar meios militares para alcançar um fim político no Vietnã. A lição de Clausewitz para os Estados Unidos a partir da experiência no Vietnã, segundo Summers (1983), é a percepção de que as guerras não podem ser ancoradas unicamente no campo militar, elas devem ser pautadas na trindade clausewitziana, que a seu ver, resumir-se-iam em três subsídios: governo, forças armadas e povo. São estes os elementos que tem a corresponsabilidade pelo sucesso ou fracasso na condução de qualquer guerra moderna. (FEREZIN, 2013).

No entendimento do Coronel Visacro, a conduta americana no Vietnã demonstrou a ineficiência das formas tradicionais de beligerância em um conflito com características predominantemente irregulares. Para ele, desde então, ela tem sido o maior exemplo de conduta inadequada em guerra assimétrica. Os EUA não estavam aptos a vencerem uma guerra irregular depois de só terem atuado em ambientes regulares e simétricos, com destaque para as duas grandes guerras mundiais. (VISACRO,2009).

Parcialmente, identifica-se uma ausência da implementação dos conceitos da Trindade Paradoxal de Clausewitz pelos EUA na Guerra do Vietnã. A negligência no equilíbrio do emprego dos elementos da Trindade de Clausewitz (Povo, Governo e Forças Armadas) colocou os EUA em uma posição difícil para vencer a Guerra, pois priorizou apenas a expressão militar, representada pelas Forças Armadas. Não foi destinada atenção para as atribuições do governo, que deveria elaborar políticas eficientes e claras, nem ações para adquirir o apoio popular visando dar suporte ao

conflito.

Além disso, os EUA foram degradados no seu nível de credibilidade devido ao apoio à causa do Vietnã do Sul, que era conduzido por um governo autoritário e corrupto, que desconsiderava os elementos da Trindade de Clausewitz. Esse governo não apresentou nenhum objetivo político relevante para a manutenção de sua soberania, de igual forma, não se importou com a conquista do apoio da população local e seu exército não demonstrava confiança.

Na ótica do Vietnã do Norte, havia um melhor equilíbrio e entendimento da importância dos elementos da Trindade de Clausewitz, o que possibilitou a criação de uma estrutura militar regular e irregular (vietcongues) para os combates, além de angariar o apoio incondicional da população local com uma motivação incontestável e o estabelecimento de objetivos políticos plenamente atingíveis. Além de outros aspectos, a perfeita harmonia dos fundamentos de emprego dos elementos da Trindade de Clausewitz, de forma mais eficiente do que os EUA, ao final do conflito, permitiram que o Vietnã do Norte vencesse a guerra e unificasse os países em um único Estado socialista.

4.4 A Guerra do Afeganistão

Segundo a professora de história Juliana Bezerra, em 1979 começou uma guerra civil entre vários grupos afegãos, sendo alguns aliados ao marxismo-leninismo e outros, religiosos, que eram contrários a qualquer ideologia estrangeira. A URSS apoiou os primeiros, pois considerava aquele país dentro da sua zona de influência, dando suporte ao presidente afegão Babrak Karmal e invadindo o Afeganistão, em 1979. O objetivo era solidificar a influência soviética, que vinha se deteriorando devido às revoltas contra o regime comunista. (BEZERRA, 2019).

Ainda, para a professora, os EUA, por sua vez, tomaram partido na guerra e passaram a auxiliar economicamente a oposição. Eles se aliaram à China e a países muçulmanos, como o Paquistão e a Arábia Saudita, o que proporcionou o crescimento militar de certos grupos afegãos, como o Talibã, contrários ao comunismo. Após dez anos de conflitos, e sem condições de continuar, em maio de 1988, a URSS abandona o território, perdendo cerca de 15 mil pessoas. (BEZERRA, 2019).

Em um segundo momento, já no século XXI, para o Capitão-Tenente Brett

Friedman, após os atentados terroristas contra o *World Trade Center* e contra o prédio do Pentágono, no dia 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos decidiram invadir o Afeganistão com o propósito de destruir a organização terrorista *Al Qaeda*, que utilizava o país como refúgio ativo, gozando do “santuário” proporcionado pelo regime teocrático do movimento Talibã. (FRIEDMAN, 2014).

A *Al-Qaeda* é um dos grupos terroristas mais conhecidos da atualidade. Sua organização é datada de 1988 e busca promover a *Jihad* (Guerra santa) contra os ocidentais, conhecidos como infiéis. Ela possui uma estrutura piramidal de comando, está ligada em uma rede de terroristas transnacionais, tem uma base na guerrilha afegã e possui alianças com insurgentes e terroristas de diversos países do mundo. (PAULA, 2015).

O Talibã é um grupo fundamentalista que controlou o Afeganistão de 1996 a 2001. Seu objetivo era instituir um califado islâmico e governar o país. Os EUA tiraram o Talibã do poder, mas sem eliminá-lo completamente, o que possibilitou que o grupo recuperasse parte de sua antiga força e voltasse a controlar cerca de 40% do território. (VICTOR, 2018).

A presença de diversas etnias no Afeganistão é uma característica relevante e ímpar para a análise do conflito. Esse fato interfere diretamente no entendimento do Afeganistão como um Estado-nação, ainda, imaturo e potencializa a complexidade de seu estudo. Para dar subsídio à tal assertiva, o Coronel Visacro explica que:

O Afeganistão é um país de limites artificiais impostos e fronteiras arbitrárias, estrategicamente localizado em uma tradicional rota de conquista entre o Oriente Médio, as vastas estepes da Ásia Central, a península indostânica e a China. Ao longo da história da humanidade, persas, gregos, hunos, mongóis, árabes e turcos marcharam sobre o solo afegão. No século XIX, o “país” tornou-se uma espécie de tampão entre a Rússia dos czares e o Império Britânico na Índia, tornando-se alvo da cobiça de ambas as coroas.

Em termos populacionais, o Afeganistão não passa de uma “colcha de retalhos étnica” com uma tênue identidade nacional e uma organização social clânica, estruturada segundo uma infinidade de tribos, muitas delas com longa tradição de rivalidade e antagonismo. Dentre as diversas etnias que habitam as dezenas de províncias do país, destacam-se os pashtuns (pusthtuns ou patanes), tadjiques (tadzhics), uzbeques, hazarás, airmaqs, farsiwan, brahuis, turcos, baluches e nuristanis. As fronteiras étnicas, naturalmente, transcendem as próprias fronteiras físicas. (VISACRO, 2009).

No dia 7 de outubro de 2001, os EUA deram início aos ataques ao Afeganistão com apoio da OTAN, contrariando a determinação inicial da Organização das Nações Unidas (ONU), que só veio a autorizar, por unanimidade,

uma missão militar no Afeganistão em 20 de dezembro do mesmo ano. O objetivo era encontrar Osama Bin Laden¹², seus apoiadores e acabar com o acampamento de formação de terroristas instalado no Afeganistão, bem como o regime talibã. O Reino Unido, o Canadá, a França, a Austrália e a Alemanha declararam apoio aos EUA. (BEZERRA, 2019).

Para Friedman, os EUA realizaram uma campanha militar extremamente rápida, baseada no emprego das Forças de Operações Especiais e no fornecimento de apoio à Aliança do Norte¹³, que culminou com a queda do governo talibã em menos de um mês. No segundo mês, os líderes da Al Qaeda, incluindo Osama Bin Laden, fugiram para o Paquistão. O emprego de um método centrado no inimigo para derrotar a *Al Qaeda* e o Talibã no Afeganistão pareceu ser a opção certa inicialmente, já que, no final de 2001, o êxito do emprego militar norte-americano havia deixado aquele país sob o controle dos EUA e livre de uma resistência significativa. (FRIEDMAN, 2014).

Ainda na percepção de Friedman, naquela época, após terem obtido sucesso no âmbito militar, os EUA tiveram uma excelente oportunidade para se concentrarem nos outros componentes da Trindade de Clausewitz, afim de consolidar seus ganhos contra um ressurgimento do Talibã. O Afeganistão permaneceu relativamente tranquilo durante anos após a vitória sobre o Talibã. No entanto, os EUA mantiveram uma quantidade mínima de tropas naquele país. Infelizmente, as lideranças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) desperdiçaram uma oportunidade para buscarem avanços nos campos do governo e da população no Afeganistão. (FRIEDMAN, 2014).

Concluindo sua análise, Friedman ressalta que as tropas norte-americanas no Afeganistão foram encarregadas de perseguir o Talibã e a *Al Qaeda*, não necessitando fornecer apoio ao governo ou à população do Afeganistão. Assim, as Forças do Afeganistão e da OTAN começaram a pagar o preço por terem negligenciado os outros elementos da Trindade de Clausewitz. Entre 2005 e 2006, a quantidade de ataques suicidas no Afeganistão quadruplicou, e a de outros ataques armados triplicou. Após uma trégua com o Paquistão, as forças talibãs se

¹² Um dos principais líderes da Al Qaeda, responsável pelos atentados terroristas do “11 de Setembro de 2001”, nos EUA. Sua morte ocorreu em 2012, fruto de uma ação militar americana no Paquistão. (entendimento do autor).

¹³ Aliança político-militar formada por grupos rebeldes com características étnicas e religiosas diferentes, que se uniram para depor o Talibã. (entendimento do autor).

reorganizaram e começaram a concentrar seus esforços em reaver o Afeganistão das tropas da OTAN. A despreocupação com as três dimensões da Trindade de Clausewitz, por parte dos EUA, proporcionou essa oportunidade ao Talibã. (FRIEDMAN, 2014).

Figura 03 – Guerra do Afeganistão



Fonte: site portaliqbrasil. (Disponível em < <http://portaliqbrasil.com.br/Artigo/4177/materia> > Acesso em: 16 fev.2019)

De forma clandestina, o Talibã estabelecia uma governança em paralelo, com a intenção de obter o apoio da população e de fornecer-lhes uma outra opção de governo para o Afeganistão.

Naquela oportunidade, segundo Friedman, em 2009, os EUA selecionaram o General McChrystal para o comando das Forças da OTAN no Afeganistão, motivando o Secretário de Defesa Americano a determinar que fosse conduzida uma análise estratégica da situação no Afeganistão, na qual foi constatada que as forças da OTAN estavam “desconectadas” da população afegã e só focalizavam na segurança e na proteção de seu próprio pessoal. Fruto disso, ainda em 2009, os EUA aprovaram um novo plano para o país e um acréscimo de 30 mil soldados norte-americanos, os quais deveriam conquistar o controle de importantes centros populacionais, linhas de comunicação e desenvolver a governabilidade. Dessa forma, os EUA começaram a trabalhar os três componentes da Trindade de Clausewitz. (FRIEDMAN, 2014).

Para Thomas H. Johnson, professor e pesquisador do Departamento de Assuntos de Segurança Nacional dos EUA e para M. Chris Mason, funcionário do

serviço de relações exteriores, o General McChrystal foi o primeiro comandante americano, desde que a guerra do Afeganistão começou, a compreender na plenitude que a prioridade era o trabalho com o povo, e não correr atrás de guerrilheiros no interior. (JOHNSON e MASON, 2010).

Na percepção dos dois, constata-se algumas semelhanças entre a Guerra do Vietnã e a Guerra do Afeganistão que são relevantes para o entendimento do problema e para buscar soluções no passado. São elas:

Em ambos os casos, 80% da população era e é rural, com o índice de alfabetização nacional girando em torno dos 10%. Em ambos os casos, a insurgência era e é caracterizada pela coesão e exclusividade étnica. Em ambos os casos, os insurgentes gozaram de refúgio seguro atrás de uma fronteira longa, acidentada, impossível de fechar e intransponível para as forças convencionais americanas, onde o inimigo tinha e tem poder político incontestado. Ambos os países foram devastados por décadas de agressão imperial europeia (França e União Soviética, respectivamente); ambos venceram, contra todas as expectativas, guerras de “Davi e Golias” contra os invasores; e ambos sofreram uma década de guerra civil entre o Norte e o Sul em seguida, tendo tudo isso produzido gerações de combatentes e comandantes de batalha experientes e extremamente habilidosos.

Ambos os países têm terrenos imensamente inóspitos e intransponíveis e poucas estradas, restringindo o valor da superioridade americana em veículos motorizados e tornando os carros de combate irrelevantes e a artilharia imóvel. Tal terreno força uma dependência em relação ao poder aéreo para o apoio de fogo e aos helicópteros para a movimentação de efetivo e reabastecimento.

Como na maioria das insurgências camponesas, em ambos os casos, guerrilheiros mal equipados viviam e se escondiam entre a população. Nem o Vietcongue nem o Talibã eram ou são populares. O índice de apoio para que qualquer um dos dois assumisse o governo da nação era e é inferior a 15%. Em ambas as guerras, o inimigo se infiltrou de forma profunda em nossas bases, forçando os intérpretes a informá-lo sobre todos os nossos movimentos e palavras. Em ambos os países, o comportamento agressivo e culturalmente ofensivo dos soldados americanos e o uso indiscriminado de apoio de fogo transformaram as aldeias rurais em centros de recrutamento do inimigo. O Vietnã do Norte recebeu dinheiro, armas e apoio da União Soviética; o Talibã os recebe do Exército do Paquistão (ISI) e de sauditas ricos.

É nesse aspecto, na natureza do inimigo, que as semelhanças começam a ficar cada vez mais preocupantes, não em suas motivações, que são claramente diferentes, mas na nossa persistente interpretação institucional equivocada das suas motivações. No Vietnã, uma narrativa intensa e difundida de nacionalismo e reunificação motivava o inimigo, mas os Estados Unidos obtusamente insistiram em retratar a guerra como uma luta contra a disseminação do comunismo. Contudo, o Exército do Vietnã do Norte e o Vietcongue não estavam lutando pelo comunismo; estavam lutando pelo Vietnã. Nós estávamos lutando contra o comunismo, mas o inimigo não estava lutando por ele. Da mesma forma, no Afeganistão, o inimigo criou um discurso nacional penetrante, nesse caso, sobre a jihad religiosa. Funcionários de alto escalão dos EUA e da OTAN, porém, continuam a interpretar erroneamente a narrativa fundamental do inimigo que estão combatendo, determinados, nesse caso, a conduzir uma campanha secular contra um inimigo que trava uma guerra religiosa. O inimigo conseguiu estabelecer a jihad como sua narrativa generalizada e

abrangente. (JOHNSON e MASON, 2010).

Depois de uma década de conflito, em 2011, os EUA anunciaram a morte de Osama Bin Laden, fruto de uma operação militar no Paquistão, ano em que se iniciou a retirada, de forma gradual, das tropas americanas daquele país.

Para o General Dom Bolduc, dos EUA, se os americanos tivessem aceitado a rendição do Talibã no final de 2001, talvez um acordo fosse solucionado nos termos dos EUA. Como isso não ocorreu, agora está sendo concluído nos termos do Talibã.

Atualmente, um grupo de estudos dos EUA-Talibã no Qatar tem concordado sobre a estrutura da negociação para um acordo de paz.

A Guerra do Afeganistão continua até os dias de hoje. A ONU tem feito grandes esforços em busca da paz e realiza um trabalho para tentar erradicar o terrorismo e, além disso, fornece ajuda humanitária aos afegãos. (BEZERRA, 2019).

Infere-se parcialmente que o pensamento da Trindade de Clausewitz foi evidenciado na análise da Guerra do Afeganistão. A falta de equilíbrio entre os elementos da trindade (Povo, Governo e Forças Armadas) ficou nítida quando os EUA focaram apenas nas atividades militares contra o Talibã e contra a *Al Qaeda*, desprezando por um tempo considerável os outros dois elementos da trindade. A atenção aos outros elementos só aconteceu no segundo momento do conflito, fruto da análise do General McCrystal e de sua mudança na abordagem para a solução do conflito, envolvendo os demais aspectos da trindade, particularmente buscando o apoio popular e medidas para a governabilidade, no entanto, pareceu ter sido implementada de forma tardia e irremediável.

Já o Talibã, após o momento da derrota inicial, percebeu o vácuo de liderança deixado pelas forças da OTAN, buscou e logrou o apoio da população local para sua causa, apresentando uma outra forma de governança que atendesse aos anseios daquela população de variadas etnias. Além disso, sempre manteve a ofensiva de suas ações militares contra as tropas estrangeiras, contribuindo para uma percepção de organização institucional com seu braço armado. Após quase duas décadas, o Talibã, que inicialmente era um grupo clandestino e inimigo dos EUA, atualmente senta-se à mesa de negociações com prestígio e auto-estima para a busca da solução do conflito, refletindo seu sucesso por ter sido o lado mais eficiente e que melhor explorou a Trindade de Clausewitz.

4.5 O Conflito na Colômbia

A Colômbia vem sofrendo por décadas ininterruptas um longo e cruel conflito entre o Estado e atores armados não estatais ligados à ideologias revolucionárias e/ou ao tráfico internacional de drogas, em especial as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Nascida na década de 1960, as FARC chegaram a controlar cerca de 40% do território colombiano, utilizando a produção de cocaína para financiar sua agenda política.

Pode-se dizer que os conflitos iniciaram com o acirramento das divergências entre liberais e conservadores, que buscavam o poder em meio às disputas ideológicas durante a Guerra Fria. Existia uma desconfiança dos líderes liberais em relação aos conservadores, devido as ideias marxista-leninistas disseminadas pela União Soviética ao Partido Comunista Colombiano (PCC) e pelo sucesso da Revolução Cubana (1959). Assim, a partir da fragilidade do governo central, os grupos guerrilheiros ganharam novos adeptos e expandiram sua influência para as áreas rurais, fundando regiões autônomas pelo interior do país, conhecidas como *Repúblicas Independientes*. (LIMA, 2017).

Segundo o Coronel Visacro, dentre as medidas destinadas a conter a crescente influência marxista e a proliferação dos movimentos de luta armada, o governo colombiano promulgou, em 1968, a Lei Nr 48 – um dispositivo legal que permitia ao Exército organizar e prover grupos civis de autodefesa, com o propósito explícito de combater a “delinquência armada” e as forças guerrilheiras que atuavam nas zonas rurais. Para ele, essa lei apenas legitimava uma prática costumeira na tradição da Colômbia que era o emprego de exércitos privados para as estruturas de poder locais. (VISACRO, 2009).

Como consequência do longo período de instabilidade interna e da ineficácia no combate às narcoguerrilhas, a Colômbia foi acometida por uma certa falta de confiabilidade da comunidade internacional, o que, possivelmente, prejudicou o estabelecimento de parcerias mais efetivas nas mais diversas expressões do Poder Nacional. (LIMA, 2017).

Para se ter uma ideia da dimensão do problema, mensurado em números, no início dos anos 80, as FARC tinham cerca de 3.000 homens atuando, já no final do século XX, o efetivo chegou a 17.000 homens em 70 frentes em todo o país. Atualmente, esse número está orbitando em cerca de 7.000 guerrilheiros. Durante o

recrutamento dos seus integrantes, 30% eram representados por jovens com idade inferior a 18 anos. (MELO, 2017).

Segundo uma palestra ministrada pelo Exército Colombiano no Forte Tolemaida, na Escola de Lanceiros, em 2010, as FARC atuavam cumprindo ações de guerra irregular e de combate convencional. Desse modo, o grupo procurava doutrinar as massas populares, habitantes das zonas rurais e urbanas, assim como possuía um regulamento interno que estipulava as normas disciplinares que regia as atividades rotineiras e as condutas que deviam manter os guerrilheiros em sua vida revolucionária. (MELO, 2017).

O Tenente Coronel Miguel Ernesto Pérez Guarnizo, do Exército Colombiano, deixa as seguintes considerações sobre as conferências revolucionárias:

Diferente dos principais movimentos de luta armada latino-americanos, ligados aos círculos intelectuais urbanos e ao movimento estudantil, as FARC tinham raízes populares, provenientes das zonas rurais. Nas áreas sob o seu domínio, as FARC organizaram-se, criaram administrações autônomas, forneceram segurança à população, saúde pública, escolas, etc.

As FARC, através das chamadas conferências revolucionárias, realizadas periodicamente, haviam efetuado um alinhamento dos objetivos e projeções estratégicas da organização ao longo de sua história revolucionária, que num começo foram incipientes e com o transcurso dos anos foram aperfeiçoados e replanejados até chegarem aos alinhamentos atuais frente ao processo de paz e ao narcotráfico.

A partir da sétima conferência, as FARC tomaram um rumo bem definido, marcado e formado permanentemente pelo objetivo de chegar ao poder, combinando todas as formas de luta e fazendo previsões de aspectos que ocorreriam uma década depois. Há que se reconhecer que suas projeções são parâmetros muito bem delineados, os quais se seguem através do tempo.

SÉTIMA CONFERÊNCIA (1982)

A sétima conferência realizou-se entre os dias 4 e 14 de maio de 1982 em Uribe, Meta. Esta conferência foi considerada uma das mais produtivas e de grande importância. Durante mais de dez dias de discussões e propostas traçaram o que havia sido posto, e tudo se converteu no principal guia para continuar sua futura carreira subversiva, e pela primeira vez setorizaram as projeções como estratégias.

Estratégia política

Analisaram que haviam superado com êxito as diferenças com outras organizações revolucionárias, porém os interesses maiores para o futuro, eram o de tomar um novo rumo na estratégia encaminhada e captar o apoio das imensas maiorias do povo, eram conscientes que sem o apoio popular jamais poderiam ascender ao poder. Por isso, concluíram que era necessário ir projetando a quantificação e qualificação do exército revolucionário dada a ampla maioria da população, dentro do que denominaram “novo modus operandi político – militar” levando a

confrontação das cidades para a urbanização do conflito.

Estratégia militar

Se organizou a criação da Coordenadoria Guerrilheira Simón Bolívar (CGSB) para aglutinar todas as organizações subversivas sob a direção das FARC.

O surgimento do movimento político União Patriótica significava para as FARC os primeiros passos para a consolidação de sua estrutura política e militar, orientada a lograr a ofensiva estratégica no território nacional.

Esta grande oportunidade habilmente aproveitada pelas organizações subversivas lhes permitiram aglutinar centenas de seguidores, e dezenas de líderes em todos os campos da geografia nacional, motivados, alguns, porque era a hora de aparecer em público depois de haver ajudado clandestinamente por vários anos as FARC e o PCC, e outros, a grande maioria, pelo afã de conseguir dinheiro fácil, explorando o terror que causa o nome da guerrilha, pronunciado em povoados e cidades.

Simultaneamente, nas zonas rurais as FARC, que portavam uniformes, armas e braceletes que diziam FARC-UP, realizavam campanhas de inteligência política, militar e financeira, atividades de doutrinação, recrutamento e organização, entre os quais se destacavam os famosos comitês, como uma mostra a mais de sua política de engano; porque enquanto dialogavam com o governo organizavam a população para que saísse a realizar passeatas e protestos contra o mesmo, e este, sem dar-se conta (queremos crer) fazia seu jogo da subversão, confiando na boa fé e no desejo de paz que aparentemente animava os antisociais.

Os que até este momento eram bandoleiros desconhecidos para a população, fizeram sua aparição em público mostrando-se em cenários locais, nacionais e internacionais, projetando sua proposta política para as massas de uma maneira totalmente aberta e descarada, contando para isto com os bons olhos do governo nacional. (GUARNIZO, 2000).

Figura 04 – Conflito da Colômbia



Fonte: site brasilsobrano. (Disponível em < <http://brasilsobranoelivre.blogspot.com/2016/06/o-acordo-farc-x-colombia.html>> Acesso em: 24 fev.2019)

Durante a década de 1990, a guerrilha conseguiu controlar parcela significativa do país. Seu ápice ocorreu em 1998, quando o governo cedeu uma área

do tamanho da Holanda para as FARC, que possuía capacidade de apoio à saúde aos seus integrantes, com infraestrutura hospitalar e com aparelhos e material cirúrgico. Ainda, as FARC atuavam nos campos da educação, das comunicações, da indústria de petróleo, dos sistemas de transporte, dos sindicatos, dos organismos de segurança, bem como das organizações governamentais de defesa dos direitos humanos. Tudo isso contribuiu para a criação de tentáculos na área de inteligência, favorecendo a conquista dos seus objetivos. (MELO, 2017).

Para piorar o cenário irregular e assimétrico da Colômbia, devido ao processo de decomposição política e social da nação, à debilidade do poder central, à longa tradição de violência fratricida, ao banditismo (fenômeno sempre presente na história colombiana) e ao farto subsídio proveniente do narcotráfico, edificaram-se notáveis impérios associados à droga. (VISACRO, 2009).

Para o Coronel Visacro, a ausência e a fragilidade dos governos permitiram às FARC, que dominavam cerca de 40% do país, exercer o controle efetivo sobre porção expressiva do território colombiano. Nessas áreas, as FARC organizaram hierarquias paralelas, responsáveis pela gestão municipal, pela segurança de sua população, pelo recolhimento de impostos, pela aplicação da “lei”, por concessão de crédito, por redistribuição de terras, pela saúde pública, pela construção e funcionamento de escolas, etc. (VISACRO, 2009).

Ainda segundo os estudos do Coronel Visacro, no início da década de 1980, depois de ininterruptos anos de violência, a Colômbia revelava-se uma sociedade dilacerada por lutas internas. Suas instituições encontravam-se desacreditadas, o governo estava fragmentado e o Exército da Colômbia amargava o descrédito público. Na década anterior, a pobreza aumentara em todo o país e o número de habitantes também. Centenas de milhares de colombianos deixaram o campo e aventuraram-se em busca de melhor sorte nas grandes cidades, fazendo as favelas se multiplicarem. No início da década de 1990, os grandes cartéis entraram em declínio, a Guerra Fria chegava a seu fim, mas o conflito interno colombiano se mantinha ativo. (VISACRO, 2009).

O apogeu do conflito deu-se no final da década de 1990, motivando os EUA, em favor de Bogotá a fazerem parte da busca pela solução do conflito, por meio do “Plano Colômbia”, o que reduziu o poder militar das FARC.

Prosseguindo na “virada colombiana”, no início dos anos 2000, o governo colombiano optou por uma outra estratégia para solucionar o problema, que não a

militar. Assim, segundo o Coronel Visacro:

Em agosto de 2002, Álvaro Uribe Vélez assumiu o cargo de presidente da República da Colômbia, propondo, por meio de um documento intitulado Segurança democrática e política de defesa, uma nova abordagem para a questão da violência interna do país. Em detrimento da primazia das operações militares (que caracteriza o enfoque norte-americano), Uribe ampliou o escopo das ações governamentais, abrangendo essencialmente a retomada e a consolidação do controle territorial; a recuperação da presença do Estado, sobretudo, nas áreas tradicionalmente desassistidas; o atendimento às demandas sociais da população (incluindo segurança) e a adoção de modelos autossustentáveis de desenvolvimento econômico. As perspectivas mostraram-se favoráveis. Entretanto, a segurança interna colombiana e seus riscos decorrentes para a estabilidade regional permanecem diretamente associados às duas faces de um mesmo conflito: a guerra contra as drogas e a contrainsurgência. Vencer uma e perder a outra significa postergar as chances de paz. (VISACRO, 2009).

Finalmente, no ano de 2012, iniciaram-se as negociações entre as partes e só após quatro anos de diálogos, em 2016, foi assinado o acordo definitivo, que busca a inserção das FARC na sociedade colombiana com uma política de devolução de armas e de anistia.

De forma parcial, pode-se identificar os aspectos da Trindade de Clausewitz no conflito da Colômbia. Na análise do Estado colombiano, os três elementos da Trindade: o Povo, o Governo e as Forças Armadas, ficaram nítidos quando a Colômbia fez mal uso do desenvolvimento de políticas eficientes por parte dos diversos governos aos longo dos anos, percebeu-se também a total irrelevância do apoio popular colombiano para dar suporte ao governo, e notou-se a falta de expressão de suas Forças Armadas, que em mais de meio século de conflito não conseguiram nenhuma vitória relevante contra as FARC.

Do outro lado, percebeu-se uma preocupação por parte das FARC com os elementos da Trindade de Clausewitz, criando uma estrutura militar com características próprias das instituições militares regulares dos Estados, que atuavam no combate irregular e também no regular. Da mesma forma, ficaram evidenciadas ações concretas de cunho social que refletiam no entendimento da importância do apoio da população local para sua causa e sua estruturação político-administrativa, conforme as conferências revolucionárias, que elaboravam e implementavam objetivos políticos possíveis de serem atingidos.

Dessa maneira, embora tenha sido percebido que as FARC fizeram melhor uso dos conceitos da Trindade de Clausewitz, ela não se configurou vencedora do conflito. O autor atribui a associação dela ao narcotráfico como um dos principais motivos da perda da legitimidade e, por consequência, do apoio popular, culminando

com a perda de capital político, refletindo na decadência do movimento. Até o presente momento, o governo colombiano foi eficiente em aproveitar a debilidade das FARC para a busca da solução por meio de um acordo de paz, apresentando, como solução incontestável, políticas de inserção social, devolução de armas e anistia, aproximando-se da vitória desse conflito que já dura mais de cinco décadas.

5 CONCLUSÃO

Os conflitos pós Segunda Guerra Mundial, conhecidos como guerras contemporâneas, possuem algumas cicatrizes marcantes que os caracterizam. Uma delas é o fato de estarem inseridos na intitulada Guerra de 4ª Geração. Nesse cenário é possível identificar diversos contendores degladiando-se entre si, como Estados nacionais, organizações não estatais, forças irregulares, crime organizado, organizações terroristas, dentre outros. A maioria desses atores não costuma respeitar nenhum tipo de regra.

Além disso, nesse mesmo horizonte temporal demarcado, outra característica notória foi o destaque que os assuntos civis e a dimensão humana tomaram no cenário internacional. É impensável e improvável obter algum tipo de vantagem, mesmo relativa, nesses conflitos, sem o apoio da população. Esse ambiente caracteriza, principalmente, as guerras irregulares assimétricas do período pós Segunda Guerra Mundial.

Não seria possível deixar de referenciar que, nesse contexto de guerras da 4ª Geração, existiu um macro ambiente, bipolar, que influenciou e regulou muitos dos fatos históricos das guerras e conflitos estudados: a Guerra Fria. O mundo esteve dividido ideologicamente entre a liderança capitalista dos EUA e a comunista da antiga URSS. Na prática, as duas superpotências nunca se enfrentaram diretamente, mas patrocinaram diversos confrontos com a finalidade de medir suas forças e de ampliar suas zonas de influência, contribuindo para se tornarem as grandes responsáveis pelo surgimento expressivo dessa forma (irregular e assimétrica) de conflito.

Quando se estuda os conflitos e guerras de forma conceitual é comum que emerjam os pensamentos de um ilustre estudioso do assunto, o General Carl Von Clausewitz. Suas experiências em combate, principalmente durante as Guerras Napoleônicas, lhe influenciaram a escrever sua única obra, “Da Guerra”, em que aborda diversos conceitos e pensamentos sobre a guerra, os quais são analisados por especialistas e estudiosos até os dias atuais.

Dentre os vários assuntos apresentados em “Da Guerra”, Clausewitz fez uma abordagem muito interessante sobre alguns pilares elementares que ele julgou regular o sucesso nos conflitos armados. Esses elementos estão inseridos na Trindade de Clausewitz, a qual atribui a vitória ao correto emprego dos elementos: Povo, Governo e Forças Armadas. Fruto da simbiose da simplicidade com a

complexidade que a caracteriza, a Trindade de Clausewitz continua sendo estudada e analisada por diversos autores desde sua publicação até os dias atuais.

Retomando o tema em pauta, em síntese, dentro do estudo proposto sobre os quatro conflitos irregulares assimétricos do período pós Segunda Guerra Mundial, foi possível constatar que em todos eles haviam fundamentos que caracterizaram a existência dos elementos da Trindade de Clausewitz, dando suporte à conclusão de que realmente são aplicáveis.

Assim, percebeu-se que na Guerra da Argélia, uma guerra irregular assimétrica no contexto das guerras de independência, ocorrida entre os anos de 1954 a 1962, notou-se a ausência de objetivos políticos claros por parte do governo francês, o qual mudou o seu Estado Final Desejado (EFD) por três vezes, demonstrando total desconhecimento e incompetência para gerir o conflito. Além disso, o governo francês fez algo que contrariou um outro importante conceito de Clausewitz quando delegou suas atribuições na Argélia para o Exército Francês, que teve poderes ilimitados no território argelino, o que conferiu à instituição um protagonismo nefasto no conflito.

Outro elemento pouco considerado pelo governo francês, parte da Trindade de Clausewitz, foi o Povo. O desprezo à importância do apoio da população caracterizou uma negligência governamental da França. Da mesma forma, as ações do Exército Francês no combate irregular na Argélia tiveram um péssimo efeito colateral, culminando com a perda do apoio da população argelina. Em resumo, a França não tinha o apoio popular dos argelinos nem de sua população nativa europeia, não tendo sido possível dar suporte à consecução dos fracos objetivos do governo.

Quanto às Forças Armadas, particularmente o exército francês, a ele foi atribuída uma responsabilidade mais ampla que suas competências: a de administrar o conflito em todas as expressões do Poder Nacional. Em relação à suas atribuições, foi utilizada pelo Exército a mesma estratégia dos combates regulares, focando a aplicação do seu poder de combate apenas nas estruturas militares inimigas da FLN, especificamente contra o Exército de Libertação Nacional, desprezando as outras dimensões do combate.

Do lado insurgente, foi possível identificar a preocupação com objetivos políticos eficientes, principalmente quando o governo da FLN mudou sua estratégia de atuação do campo militar para o campo político, buscando dar visibilidade

internacional à sua causa, particularmente à ONU.

Além disso, a FLN buscou obter o apoio da população local por meio de operações psicológicas e de técnicas de panfletagem, o que possibilitou o respaldo popular para dar continuidade à causa da independência.

Quanto ao correto uso das Forças Armadas, ficou evidente que a criação do ELN e o seu emprego ressaltaram a importância dada a esse elemento da Trindade. Além disso, de forma oportuna, a FLN, após identificar que a expressão militar não era a mais relevante para a solução da crise, buscou colocá-la em um perfil mais baixo, voltando os esforços para o apelo internacional, culminando para a conquista dos objetivos finais da independência.

Nesse sentido, percebeu-se que, na Guerra da Argélia, a FLN foi quem melhor fez uso da maioria dos elementos da Trindade de Clausewitz e teve sucesso ao final do conflito, pois conquistou a independência daquele país.

A Guerra do Vietnã foi outro conflito irregular assimétrico, ocorrido de 1959 a 1975, entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul, e contou com uma participação intensa dos EUA entre os anos de 1965 a 1973, apoiando o Vietnã do Sul.

Na análise do lado pró-ocidental, observou-se que os EUA estavam acostumados com os conflitos regulares e simétricos, e por isso aplicaram as mesmas técnicas clássicas que direcionavam o poder apenas para a vertente militar do inimigo.

O governo americano se limitou a enviar grandes efetivos para a guerra e pouco se preocupou com a imagem transmitida à sua população. Eles também negligenciaram a importância da população vietnamita, o que poderia ter evitado a insatisfação dos habitantes locais. Logo após a Ofensiva do Tet, a mídia americana percebeu que a guerra estava longe de acabar e conduziu uma ofensiva midiática, logrando êxito e contribuindo para a retirada americana do conflito, o que causou a vitória do Vietnã do Norte.

Na análise do Vietnã do Sul, havia um governo autoritário e corrupto que não estabeleceu nenhum tipo de objetivo político coerente para a sua soberania, muito menos percebeu a necessidade da conquista do apoio popular. Resumidamente, a população sul vietnamita era hostil ao governo devido a uma considerável diferença social interna. Além disso, suas Forças Armadas eram inexpressivas, não tendo nenhuma confiança nem capacidade operacional.

Ainda, esses dois atores (EUA e Vietnã do Sul) limitaram-se a combater as

Forças Armadas inimigas e não entenderam os fundamentos da guerra irregular. Os EUA, com toda sua capacidade econômica, perderam grandes oportunidades de conquistar o apoio da população local, melhorando as condições de vida do Vietnã e implementando campanhas de operações psicológicas para a população adversária. Pelo contrário, suas ações eram apenas ofensivas, com uso de meios bélicos pesados de forma covarde, o que contribuiu para desenvolver o ódio da população do Vietnã do Norte.

Estudando o Vietnã do Norte, percebeu-se objetivos políticos ambiciosos por meio de sua ideia de unificação, mas que recebia um suporte popular considerável, fruto da votação do plebiscito para a unificação dos Estados.

Chamou muita atenção a capacidade de resiliência de suas Forças Armadas, que enfrentou um adversário muito mais poderoso militarmente sem sucumbir. Pelo contrário, foi criado e ativado nesse período um outro exército, um exército irregular, o Exército Vietcongue ou Exército popular do Vietnã. O nome em si já apresenta uma forte conotação psicológica de representação e defesa popular.

Continuando na ótica do elemento “Povo”, o Vietnã do Norte foi, sem dúvida, muito habilidoso. Ele conseguiu adquirir e manter o apoio da população por mais de quinze anos, o que possibilitou a conquista de seus objetivos políticos no final do conflito.

Assim, percebeu-se que, na Guerra do Vietnã, quem melhor soube e teve talento no uso da maioria dos elementos da Trindade de Clausewitz também obteve êxito no final do conflito. O Vietnã do Norte conseguiu unificar os dois Estados em um só país comunista.

Na ótica da Guerra do Afeganistão, também com as mesmas características de irregularidade e assimetria, ficou constatado que este conflito foi marcado por um horizonte temporal mais amplo.

A guerra iniciou-se em 2001, quando a rede terrorista *Al Qaeda*, liderada por Osama Bin Laden, realizou um dos maiores atentados terroristas da história, ao destruir as Torres Gêmeas e atingir o Pentágono. Após a morte de Osama Bin Laden em 2011, os EUA anunciaram sua retirada do país, mas a operação perdura até os dias atuais. A guerra ainda não foi solucionada por completo, se aproximando de duas décadas de conflitos.

Estudando ambos os lados, os EUA aproveitaram com maestria do sentimento americano, e porque não dizer, mundial, de indignação, e formularam um

objetivo político inovador e quase utópico: a “Guerra ao Terror,” começando pela ocupação do Afeganistão para eliminar a *Al Qaeda* e o Talibã. Com eficiência, estabeleceram uma estratégia rápida e bem feita, que refletiu na retirada do Talibã do Afeganistão e fazendo a *Al Qaeda* se homiziar na região de montanhas na fronteira.

No entanto, após esse momento de êxtase, o governo americano não revisou seus objetivos políticos para o Afeganistão e manteve apenas uma estratégia destinada, basicamente, à manutenção de atividades de segurança da tropa e à eliminação de grupos terroristas.

Assim, o desprezo pelos elementos da Trindade de Clausewitz culminou em um erro político de imensa proporção e com reflexos de grandes dimensões para os EUA.

Mesmo tendo tido a experiência fracassada no Vietnã, os EUA novamente negligenciaram a importância fundamental do apoio da população local. Ademais, impuseram ao Afeganistão um governo com características ocidentais, desprezando, mais uma vez, a dimensão humana e as considerações civis. Com o tempo, foi gerado um repúdio generalizado dos habitantes daquele país contra a intervenção americana.

Analisando seu aversário, o Talibã após perceber o vácuo que havia na população afegã deixado pelos EUA, estabeleceu objetivos políticos coerentes e eficientes para conquistar o povo. Eles estabeleceram uma estratégia de oferecer ao povo outras opções de governança, diferentes das ocidentais impostas pelos EUA, o que atraiu os habitantes de diversas etnias para a sua causa.

A importância das Forças Armadas do Talibã foi percebida nas ações de enfrentamento às tropas da OTAN, demonstrando sua eficiência operacional ao degradar o poder de combate ocidental e, de certa forma, sendo motivo de orgulho para os opositores de tropas ocidentais em seu território.

Assim, o Talibã aplicou os conceitos da Trindade de Clausewitz estabelecendo objetivos políticos tangíveis, conquistando o apoio popular (o mais importante nos conflitos irregulares) e executando ações militares eficientes, considerando a sua assimetria com o Exército americano.

Foi percebido com clareza que o Talibã foi quem melhor trabalhou a maior parte dos elementos da Trindade de Clausewitz. Seu sucesso é argumentado também pela atual condição de fazer parte de um grupo de estudo junto com os

EUA, em situação de igualdade, com a finalidade de negociar um acordo de paz para atender seus interesses.

No que diz respeito ao conflito da Colômbia, este iniciou-se na metade do século XX, com expressividade a partir da década de 1960, quando as FARC detinham cerca de 40% do território colombiano, e perdura até os dias atuais, mesmo com a viabilização de ações fruto do acordo de paz de 2016.

Inicialmente, houve uma despreocupação por parte do governo colombiano em não identificar o início, as possibilidades, as limitações e as motivações das FARC. Para piorar, em todos esses anos, os diversos governos colombianos não souberam implementar políticas eficientes para solução do conflito, pelo contrário, ao longo das décadas houve um processo de decomposição política e social da Colômbia. Como consequência, os governos da Colômbia não foram eficazes na dimensão humana, perdendo desde cedo o apoio da população.

O Exército da Colômbia não possuía nenhum tipo de credibilidade. Para agravar, ficou incubido de organizar e prover grupos civis de autodefesa, potencializando o emprego de exércitos privados para as estruturas de poder locais. No combate à guerrilha das FARC, nunca teve nenhuma vitória relevante que desequilibrasse o conflito a seu favor.

Já do lado das FARC, percebeu-se um governo guerrilheiro que era firme nos seus propósitos políticos, norteado por Conferências Revolucionárias que traçavam os objetivos políticos e suas estratégias. Fruto disso, o governo conseguiu dominar 40% do território do Estado colombiano.

Não se concebe um governo clandestino alcançar tais objetivos sem o suporte da população. As FARC conseguiram, por décadas, um relevante apoio popular, principalmente da população rural. A consciência da importância do apoio da população e suas considerações civis foi a força motriz para que o seu governo estabelecesse uma estrutura político-administrativa com capacidade para suprir as demandas de serviços básicos e sociais para a sua população.

Na avaliação do vetor armado das FARC, foi percebido a atuação em ações militares de guerra irregular e de combate convencional, mostrando sua capacidade combativa e flexibilidade no emprego. Seu exército estava organizado com uma estrutura vertical e hierarquizada, semelhante aos exércitos regulares dos demais Estados. Sua eficiência militar ficou evidenciada desde a década de 1960, pela capacidade de sempre defender seu território.

Na análise desses fatores, seria prudente identificar as FARC como vencedora desse conflito por terem, em princípio, trabalhado melhor a maior parte dos elementos da Trindade de Clausewitz. Da mesma forma, identifica-se que o governo colombiano foi quem mais negligenciou a importância dos elementos fundamentais da Trindade do pensador prussiano.

No entanto, nesse conflito específico ocorreu um fato novo, pois o acordo de paz de 2016 conduziu à percepção de que o Estado colombiano venceu o conflito. Nesse caso, o autor identifica uma aberração e argumenta em cima de um fator relevante: a perda de legitimidade das FARC.

O longo período de conflito (desde a metade do século XX) que consumiu a alma da sociedade colombiana, gerou, em ambos os lados, uma dificuldade de manter o apoio popular. A simples possibilidade de que um dos contendores possa perder o apoio da população gera ao adversário uma chance de utilizar essa vulnerabilidade a seu favor. Tal fato ocorreu quando as FARC se aproximaram do narcotráfico.

Para o autor, ao se associarem ao narcotráfico e à narcoguerrilha com o álibe de obterem o suporte econômico para suas atividades, as FARC perderam sua legitimidade e, conseqüentemente, o apoio popular, além da convicção de seus integrantes.

Como não existe vácuo de liderança, o governo colombiano vem aproveitando essa fragilidade e está fazendo uso dessa situação vulnerável, o que o motivou a apresentar, de forma eficaz e protagonista, um acordo de paz que tem como premissas: a anistia para os guerrilheiros, a devolução de armamentos e uma política de inserção na sociedade.

Diante de todo o exposto, percebeu-se que, na plenitude dos conflitos elencados para o estudo, foi possível identificar a complexidade inerente aos contenciosos que reúnem um ou mais Estados, um ou mais atores armados não estatais, incluindo, em alguns casos, a presença de grupos terroristas e de organizações ligadas ao narcotráfico. Essa junção de vários atores subsidia a irregularidade e assimetria dos conflitos no contexto do período pós Segunda Guerra Mundial.

Com o intuito de responder ao questionamento base desse trabalho, inserido em um ambiente extremamente volátil, incerto, complexo e ambíguo, percebeu-se que a Trindade de Clausewitz esteve presente nos principais conflitos irregulares

assimétricos do pós Segunda Guerra Mundial, na medida em que foi possível constatá-la em todas as guerras e conflitos propostos para análise.

Nesse sentido, todos os atores envolvidos apresentaram, em suas ações, abordagens que trabalharam os elementos da Trindade ou os negligenciaram. De uma forma dedutiva, chegou-se a conclusão que o contendor que melhor manipulou a maioria dos elementos base da Trindade de Clausewitz a seu favor e dificultou ou impediu que o seu adversário tivesse o feito, teve sucesso durante a beligerância, mostrando-se vitorioso ao final e comprovando a aplicabilidade da Trindade de Clausewitz nos conflitos irregulares assimétricos no período pós Segunda Guerra Mundial.

Assim, os resultados obtidos neste trabalho se mostraram significativos e atingiram os seus objetivos propostos, apoiando-se na revisão de literatura e em pesquisa bibliográfica realizada. A bibliografia relacionada correspondeu às expectativas com relação às fontes de consulta sobre o assunto. Sugere-se que, nas futuras pesquisas a respeito do tema, sejam abordados outros conflitos, irregulares assimétricos ou regulares simétricos.

Nesse contexto, o Brasil, por meios de suas instituições, deve dar ênfase na correta compreensão dos pensamentos e conceitos de Clausewitz e, em particular, da sua Trindade. Vale ressaltar que as operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), na qual existem a previsão de emprego do Exército Brasileiro no território nacional, apresenta diversas semelhanças com os principais conflitos irregulares assimétricos abordados, fazendo-se necessário o perfeito entendimento dos elementos da Trindade de Clausewitz para o seu sucesso, sob pena de conviver com o fracasso.

Por fim, buscando encerrar o trabalho com uma reflexão correta e prospectiva para que os atores estatais resolvam os seus contenciosos no ambiente irregular assimétrico dos conflitos pós Segunda Guerra Mundial, respeitando os fundamentos da Trindade de Clausewitz, encontra-se um pensamento do Coronel Visacro que com muita propriedade sintetiza que:

O cerne do problema, portanto, consiste em definir uma margem de atuação aceitável, por meio da existência de dispositivos legais capazes de fornecer o suporte jurídico necessário para que um segmento muito restrito do Estado e das Forças Armadas (como a comunidade de inteligência ou a comunidade de operações especiais) possa atuar de forma mais invasiva e agressiva, dentro e fora do território nacional. Em uma democracia, a sociedade civil dificilmente mostrar-se-á propensa a outorgar tamanho poder ao Estado, alimentando o receio de que represente uma iminente

ameaça aos seus direitos fundamentais inalienáveis. Porém, as inovações tecnológicas e as significativas transformações sociais vividas no século XXI trouxeram consigo novos desafios à segurança. Ignorar necessidades reais de ordem prática impele os agentes de segurança do Estado para uma informalidade ou, pior, para uma ilegalidade, ainda mais nociva. De qualquer forma, nenhuma ação, seja ela ostensiva ou não, deverá comprometer os esforços despendidos com o propósito de fortalecer a legitimidade do poder central e conquistar o apoio da população. (VISACRO, 2009).

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Juliana. **Guerra do Vietnã.** Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/guerra-do-vietna/>> Acesso em 04 mai. 2019.

BEZERRA, Juliana. **Guerra do Afeganistão.** Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/guerra-do-afeganista/>> Acesso em 06 mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. MD 35-G-01, Glossário das Forças Armadas. Brasília, DF, 2015.

_____. Ministério da Defesa. MD 51-M-04, Doutrina Militar de Defesa. Brasília, DF, 2007.

CAMPBELL, James D. **A legitimidade e o cumprimento da lei nos conflitos de baixa intensidade da Argélia Francesa e da Irlanda do Norte Britânica.** Military Review. Edição Brasileira, 2005.

CRUZ, Diego. **A Ofensiva do Tet: americanos perdem a guerra do Vietnã.** Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/a-ofensiva-do-tet-americanos-perdem-a-guerra-do-vietna/>> Acesso em 10 fev. 2019.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra.** São Paulo: Martins Fontes. São Paulo, 2010.

COUTINHO, Rachel Silva da Rocha e GOMES, Victor Leandro Chaves. **CLAUSEWITZ E OS CONFLITOS IRREGULARES: UM PANORAMA SOBRE AS “NOVAS” GUERRAS NO SÉCULO XXI.** *Revista da Escola Superior de Guerra, 2016.*

DUARTE, Érico. **A Análise Crítica de Clausewitz (Kritik) Rigor Epistemológico e Potencial Interdisciplinar.** COPPE/UFRJ, 2008.

FEREZIN, Carla. **Leituras de Clausewitz no Exército Brasileiro: Interpretação da Trindade da Guerra.** Revista de Ciência Política, 2013.

FILHO, Luciano Bezerra Agra. **A guerra do Vietnã: foi uma incursão norte-americana no Vietnã do norte ou uma declaração de guerra dos norte-vietnamitas aos EUA?** Disponível em: <<http://www.consciencia.org/a-guerra-do-vietna-foi-uma-incursao-norte-americana-no-vietna-do-norte-ou-uma-declaracao-de-guerra-dos-norte-vietnamitas-aos-eua>> Acesso em: 14 fev. 2019.

FRANÇOIS, Philippe. **Travando a Contrainsurgência na Argélia, o ponto de vista francês.** Military Review. Edição Brasileira, 2009.

FRIEDMAN, Brett. **Morte que se Aproxima: Clausewitz e a Contrainsurgência Abrangente.** Military Review. Edição Brasileira, 2014.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco,

1992.

GARCIA, Francisco Proença. **O fenómeno da guerra no nosso século**. versão resumida da lição de encerramento apresentada pelo autor nas provas de agregação em Relações Internacionais no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.

GUARNIZO, Miguel Ernesto Pérez. **O DESENVOLVIMENTO ESTRATÉGICO DAS FARC**. Monografia - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2000.

HORA DO POVO. **'Gostemos ou não, perdemos no Afeganistão', admite general da reserva dos EUA**. Disponível em: <<https://horadopovo.org.br/gostemos-ou-nao-perdemos-no-afeganistao-admite-general-da-reserva-dos-eua/>> Acesso em 02 Mai. 2019.

KISSINGER, H. **Ordem Mundial**. Tradução de Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LEMOS, Thiago Tremonte de. **A Natureza da Guerra Moderna no Pensamento de Carl von Clausewitz**. São Paulo – SP, 2010. 14 fl. Artigo Científico - Programa de Estudos Pós-Graduados (doutoramento) em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LEONARD, Rogers A. **Clausewitz: trechos de sua obra**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1988.

LIMA, Carlos Eduardo Tavares de. **O combate colombiano à narcoguerrilha e o relacionamento bilateral com o Brasil no período, com ênfase para a expressão militar**. Monografia - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2017.

LIND, William. **Compreendendo a Guerra de Quarta Geração**. Military Review Edição Brasileira, 2005.

MARTIN, Gilles. **A guerra da Argélia**. Military Review. Edição Brasileira, 2005.

MASON, M. Chris; Johnson Thomas H. Bart. **Travando Novamente a Última Guerra: o Afeganistão e o Modelo do Vietnã**. Military Review. Edição Brasileira, 2010.

MELO, CHRISTIANO STEFANES MENDES. **A AÇÃO DAS FARC NA AMAZÔNIA E SUA IMPLICAÇÃO NAS ATIVIDADES DO EXÉRCITO BRASILEIRO NA REGIÃO**. Monografia - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2017.

NETO, RICARDO BONALUME. **POR QUE OS EUA PERDERAM A GUERRA DO VIETNÃ?** Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/guerras/por-que-os-eua-perderam-a-guerra-do-vietna.shtml>> Acesso em 10 fev. 2019.

PAULA, André Mendes Pereira de. **Terrorismo: a contemporaneidade da trindade clausewitziana**. Conjuntura Internacional. Belo Horizonte, 2015.

PINHEIRO, Alvaro de Souza. **O conflito de 4º geração e a evolução da guerra irregular**. Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares, Rio de Janeiro 2007.

POWELL, Colin e PERSICO, Joseph. **My American Journey**. Nova York: Random House, 1995.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **O legado de Clausewitz para a sociedade**. A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

SCHUURMAN, Bart. **Clausewitz e os Estudiosos da “Nova Guerra”**. Military Review. Edição Brasileira, 2011.

SILVA, Bruno Izaías da. **GUERRA DO VIETNÃ**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/guerra-do-vietna/>> Acesso em 14 mai. 2019.

SILVA, Carlos Eduardo M. Viegas da. **A transformação da guerra na passagem para o século XXI. Um estudo sobre a atualidade do paradigma de Clausewitz**. São Carlos – SP, Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, 2003.

STRACHAN, Hew. **Sobre a guerra de Clausewitz**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SUMMERS, Harry. **Clausewitz and Strategy Today**. Naval War College Review, 1983.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10a Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VICTOR, Daniel. **Entenda a guerra no Afeganistão em quatro perguntas**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-guerra-no-afeganistao-em-quatro-perguntas-23321118>> Acesso em 08 mai. 2019.

VISACRO, A. **Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo. Contexto, 2009.